

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Fernanda Manzoli Marques de Oliveira

Psicologia da Religião e Espiritualidade Contemporânea:
Contribuições da Psicologia Transpessoal

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Fernanda Manzoli Marques de Oliveira

Psicologia da Religião e Espiritualidade Contemporânea:
contribuições da Psicologia Transpessoal

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Silas Guerriero.

SÃO PAULO
2013

Banca Examinadora

Ao meu pai João Roberto, pelo carinho e
atenção, por me incentivar e por me amar do
jeito que eu sou!

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Silas Guerriero por sua orientação segura e acolhedora, em todos os momentos da realização do trabalho.

Ao Prof. Dr. João Edênio Valle pelo incentivo na elaboração deste trabalho e pela disponibilidade em contribuir como com sua imensurável sabedoria.

Ao Prof. Dr. Afonso Soares pela disponibilidade e amizade.

À Profa. Dra. Vera Saldanha, pelo exemplo de sutileza e por me introduzir ao universo da Psicologia Transpessoal.

À Profa. Dra. Marcia Tabone pelas preciosas orientações.

Ao Prof. Ms. Manoel Simão pela amizade, acolhimento e confiança e por fazer parte da minha vida.

Ao CNPq pela bolsa de estudos, fundamental à realização deste projeto.

Aos meus amados pais, padrasto, avó e irmãos.

Ao meu amigo irmão, Fernando Florence, pelo profundo e verdadeiro amor de nossa amizade.

À Andrea Zichia pelo exemplo de competência, de capacidade, de foco, determinação e, sobretudo, pela amizade.

Ao amigo Celso que em um feliz encontro, abriu pra mim, as portas deste caminho.

Aos meus amigos Cibele Cellini, Cris Freire, Fernando Vicente, Clarissa, Mônica Pantarotto, Rosana Machado, Adriana Gonzales, Marco Faneli e Wylma.

Aos funcionários do Programa, da Secretaria e a todos que trabalharam no suporte administrativo, garantindo a organização do curso, em especial à Andreia Bisuli Assistente de Coordenação pela sua disponibilidade diária.

A todos com quem me encontrei durante esse tempo de mestrado, pois de uma forma colaboraram para a conclusão deste curso e a realização deste trabalho.

E em especial ao meu afilhado Salomão, que chegou para alegrar a minha vida!

“Não tenho a menor dúvida de que a maioria das pessoas vive, seja física, intelectual ou moralmente, em um círculo deveras restrito do seu ser potencial. Elas usam uma parcela ínfima da sua consciência possível [...], mais ou menos como o homem adquire o hábito de usar e de mover, de todo o seu organismo físico, apenas o dedo mínimo. Todos nós temos reservatórios de vida a serem aproveitados, com que sequer sonhamos”.

William James

RESUMO

MANZOLI, Fernanda. Psicologia da Religião e Espiritualidade Contemporânea: contribuições da Psicologia Transpessoal. 2013. 94f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

A presente pesquisa se desenvolveu no campo da Psicologia da Religião e buscou investigar nas bases teóricas da Psicologia Humanista e da Psicologia Transpessoal, as suas concepções e considerações sobre o conceito de espiritualidade. A escola humanista, a precursora da Psicologia Transpessoal, apresentou uma teoria munida de espiritualidade, repleta de referências ao transcendente, ao impulso de autorrealização e autoatualização, às metanecessidades e às experiências culminantes. Entretanto, coube à Psicologia Transpessoal, a tarefa de ampliar ainda mais este quadro. Trata-se de a escola que estuda os estados alterados de consciência e suas aplicações e concretizando-se como a primeira abordagem psicológica a assumir expressamente que o ser humano possui uma dimensão espiritual. Introduz novos conceitos como consciência cósmica, valores últimos, experiência mística, sacralização da vida, experiência de unidade, responsividade e consciência sensorial máxima. Expressa uma espiritualidade destituída de religião organizada e com uma concepção antropológica de busca de sentido, de autotranscendência, de valores supremos e de busca pela unidade com o cosmo.

Palavras-chave: Psicologia Transpessoal. Psicologia da Religião, Espiritualidade. Consciência Cósmica. Holística. Transdisciplinaridade. Pierre Weil. Abraham Maslow.

ABSTRACT

MANZOLI, Fernanda. Psychology of Religion and Spirituality Contemporary: contributions of Transpersonal Psychology. 2013. 94p. Thesis (Master in Science of Religion) – Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2013.

This research was developed in the field of Psychology of Religion and sought to investigate the theoretical foundations of Humanistic Psychology and Transpersonal Psychology and their conceptions and considerations on the concept of spirituality. The humanistic school, a precursor of transpersonal psychology, presented a theory of spirituality fitted full of references to the transcendent, the urge to self-realization and self-actualization, to metaneeds and to peak experiences. However, it was up to the task of transpersonal psychology extend this framework further. This school studies altered states of consciousness and its applications, becoming the first psychological approach to expressly assume that humans have a spiritual dimension. Introduce new concepts like cosmic consciousness, ultimate values, mystical experience, sacredness of life, experience of Unity, responsiveness and maximum sensory awareness. Express a spirituality devoid of organized religion and an anthropological concept of searching for meaning, self-transcendence, supreme values and the search for unity with the cosmos.

Keywords: Transpersonal Psychology. Religion Psychology. Spirituality. Cosmic Consciousness. Holistic. Transdisciplinarity. Pierre Weil. Abraham Maslow.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hierarquias de necessidades de Maslow	30
Figura 2 - Modelo de Jantsch	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. Contexto Histórico do Surgimento da Psicologia Transpessoal.....	12
1.1. A Contracultura	13
1.2. O Movimento Nova Era	16
1.3. Psicologia Humanista como Precursora da Transpessoal	26
2. A Psicologia Transpessoal	35
3. A Espiritualidade no Contexto da Abordagem Transpessoal.....	55
4. Considerações Finais.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscará abordar a relação entre a Psicologia Transpessoal e a Espiritualidade. Sabemos o desafio que será a articulação desse tema, primeiramente, devido às críticas e o lugar que a Psicologia Transpessoal ocupa no meio acadêmico, e, além disso, porque tratar do assunto espiritualidade e seu aspecto multifacetado e pluridimensional, também requer certa prudência, já que muitas vezes implicam em interpretações e caminhos diferentes. Mas afinal, de que Espiritualidade fala a Psicologia Transpessoal?

A partir de experiências pessoais com a espiritualidade, aliadas à formação em Psicologia, permitiram refletir e buscar motivação para a realização desta pesquisa. Assim, a temática coube bem ao programa de Ciências da Religião, como locus acadêmico para o desenvolvimento deste trabalho.

Sabe-se que a Psicologia, ao se coligar e se adequar às Ciências Humanas passou a dedicar-se à sua cientificidade, negligenciando e retirando de seu arcabouço as questões referentes à espiritualidade. Por um longo tempo, ambas estiveram isoladas e distantes. Contudo, a própria epistemologia, quando necessário, revela seu ímpeto por renovação.

Procurou-se encetar diálogo entre a Psicologia Transpessoal e as questões da espiritualidade contemporânea, recorrendo às reflexões e teorias de alguns filósofos, teólogos, antropólogos, médicos e, sobretudo, de psicólogos como William James, Carl Gustav Jung, Abraham Maslow, Anthony Sutich, Pierre Weil, Stanislaw Grof, dentre outros, procurando fomentar e ampliar o debate ainda insipiente.

O universo de pessoas que se interessam por questões referentes à espiritualidade tem aumentando significativamente e isso chama a atenção para a importância de novas pesquisas nessa área. Não são apenas os cientistas, espiritualistas e religiosos de todas as crenças que tem vivido experiências de cunho espiritual, mas dentre as pessoas comuns também é possível ouvir relatos dessas vivências.

Desta forma, este trabalho buscará compreender a espiritualidade, além do senso comum e procurará também, vislumbrar a possibilidade de um diálogo entre espiritualidade e ciência, que se mantém incomum ainda hoje no meio acadêmico.

O primeiro capítulo apresentará um breve resgate histórico e contextual da Psicologia Transpessoal, desde seu início, ressaltando a importância que a escola humanista, em especial, Abraham Maslow disponibilizou para o seu desenvolvimento. Será percorrido, para tanto, o período pós-guerra, transitando pelos movimentos contraculturais, o Movimento Nova Era e do Potencial Humano.

O segundo capítulo procurou conceituar a nova força da Psicologia, Transpessoal, bem como sua perspectiva holística e transdisciplinar. Apresentará seu autor de maior referência, Pierre Weil, em que retrata a Transpessoal como especializada no estudo dos estados de consciência que lida mais especificamente com a experiência cósmica.

O terceiro capítulo enfocará as pesquisas e as considerações que a Psicologia Transpessoal oferece sobre o conceito de espiritualidade, demonstrando, inicialmente a perspectiva humanista sobre o conceito de espiritualidade, já que se trata da escola precursora da nova abordagem, para depois ampliá-lo com as contribuições dos pesquisadores transpessoais. Será citada a experiência transpessoal vivenciada por Pierre Weil, que representa a maior referência da abordagem neste trabalho. Assim, será necessário clarear e costurar as concepções referentes à espiritualidade, sob a ótica dos teóricos que serão referendados.

A última parte do trabalho trará as considerações finais e as reflexões levantadas sobre o tema pelos teóricos citados. Desta forma, buscar-se-á compreender a espiritualidade, além do senso comum, assim como sua convergência com a Psicologia Transpessoal. Ainda compreender se há espaço para diálogo entre espiritualidade e ciência.

1. Contexto Histórico do Surgimento da Psicologia Transpessoal

A década de 1960, período pós II Guerra Mundial, foi marcado pelo fim da escassez do pós-guerra e pela explosão e efervescência dos movimentos de contracultura que tinham como tônica essencial à quebra de paradigmas e todo seu zeitgeist¹ (espírito de época). A força principal da Contracultura era exatamente esta mobilização pelas transformações dentro das sociedades.

Os questionamentos e anseios da sociedade giravam em torno de diferentes temas, desde a luta pela paz, respeito às minorias; anticomunismo; crítica aos meios de comunicação de massa; oposição aos princípios do capitalismo; valorização da natureza e da vida comunitária; a aproximação das práticas religiosas orientais; experiência com drogas psicodélicas² e a liberdade nos relacionamentos sexuais e amorosos. Assim, se caracterizou por um momento emblemático de mudança no modo de ser da época.

A sequente tensão social, política e econômica foram os principais motivadores para o nascimento de um novo estado de espírito. Os sentimentos dos jovens e adultos, assim como as suas interrogações, foram balançados e manifestados em perguntas como "Qual é o significado de tudo?"; "Quem sou eu?"; "Quem é Deus?", e que foram recebidas de maneiras diversas, causando diferentes reações.

Na Psicologia, a força chamada Transpessoal emerge impulsionada a responder aos anseios da sociedade, a descortinar as dimensões psicológicas do ser humano e a resgatar a individualidade, a subjetividade e as emoções próprias de cada ser humano. Apresenta-se como sendo uma abordagem psicológica que contempla conteúdos de outras escolas e teóricos como William James, Carl G. Jung, Abraham Maslow, Anthony Sutich Viktor Frankl, Charles Tart, Roberto Assagioli, Fritjof Capra, Ken Wilber, Stanislav Grof, dentre outros.

¹ É um termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. O Zeitgeist significa, em suma, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo. O conceito de espírito de época remonta a Johann Gottfried Herder e outros românticos alemães, mas ficou melhor conhecido pela obra de Hegel, Filosofia da História.

² Drogas psicodélicas são classificadas como aquelas cujo principal efeito consiste no aumento ou ampliação da capacidade de pensamento do cérebro. Acredita-se que isto se deva à desabilitação dos filtros que bloqueiam sinais relacionados a certas funções de alcançarem o consciente

Esse processo de ressignificação das crenças, valores e visão de mundo, pessoal e coletivo, evidenciava uma sociedade em plena metamorfose, perpassando todos os aspectos da vida, inclusive na esfera do próprio conhecimento, já que as ciências também se construíram e se desconstruíram sob a luz desse movimento.

Dentro dessa perspectiva, esse capítulo retomará a história da Psicologia Transpessoal, a partir do resgate de fatos e acontecimentos que antecederam a emergência dessa nova força dentro da Psicologia. Para tanto, contextualizar o cenário que se evidencia como catalizador para seu surgimento torna-se imprescindível.

1.1. A Contracultura

A década de 1950 ficou conhecida como o período dos "anos dourados", uma transição entre o período de guerras, da primeira metade do século XX, e o período das revoluções comportamentais e tecnológicas, na segunda metade do século XX. Foi uma década marcada por grandes progressos científicos, tecnológicos, culturais e comportamentais, no qual deram início as transmissões de televisão e uma nova forma de fazer comunicação. Chegou carregando uma geração de jovens conhecidos como os filhos do “baby boom”, expressão utilizada às pessoas nascidas entre os anos de 1943 e 1964, após a explosão populacional vivida no pós-guerra. Esses jovens viviam a prosperidade financeira da época em meio à atmosfera consumista. Contudo, a nova década que vinha a seguir já apontava que mudanças de extraordinária significância no comportamento estavam para acontecer, propulsionadas, principalmente, pela influência do “rock and roll” e por Elvis Presley, considerado o maior ídolo da época.

As mudanças sociais evidenciadas na década de 1950 concretizaram-se nos anos 60, nos quais eclodiram as intensas mudanças sociais, culturais e políticas fomentadas principalmente pelos jovens, que se negavam a aceitar a condição de opressão imposta pelo sistema, passando a clamar irrevogavelmente por sua liberdade perdida. A intensa expansão econômica vivida pelos Estados Unidos nos anos do pós-guerra teve grande responsabilidade pela criação de uma atmosfera que veio a favorecer o surgimento de contestações e movimentos questionadores a respeito da cultura e do modo vigente de ser da sociedade brasileira.

A busca pelo fortalecimento do capital produtivo do país levou o governo a inaugurar e expandir estrategicamente diversas universidades, para que a mão de obra

do crescente número de jovens fosse absorvida, principalmente aqueles vindos das camadas mais populares. Estes ficaram conhecidos como os filhos da geração baby boom, por buscarem um estilo de vida de caráter libertário, diverso do vigente, e que pudesse, prioritariamente, evidenciar e denunciar os valores materialistas sob os quais a sociedade vinha se fundamentando. A contraposição à ausência de regras sociais e morais acabou favorecendo que o espiritualismo, a forma pacífica de se viver e o contato com a natureza fossem resgatados, transformando essa legião de jovens nos verdadeiros protagonistas dos movimentos de contracultura.

Foi uma época determinada por um forte clima de busca por renovação no âmbito social e cultural, determinado por denodos questionamentos e audaciosas indagações feitas pelos jovens em relação aos costumes, convenções, regras e práticas conservadoras que vigoravam naquele momento.

Impulsionada por esse ímpeto de novo vigor e liberdade de expressão, a ousada juventude da época passou a criar novas formas de expressão, em que pudessem manifestar seus questionamentos e contestações a respeito do sistema de crenças vigentes. Os festivais de músicas, as comunidades e movimentos alternativos emergiram para dar espaço, para que os jovens proferissem suas ideias por meio deles. É nesse cenário que surge a Contracultura, o movimento que vem desempenhar um papel importante nessa tentativa de renovação sociocultural.

O movimento iniciou-se com a chamada Geração Beat, um grupo de artistas norte-americanos, principalmente, de escritores e poetas, que ficaram conhecidos nessa época por causa do fenômeno cultural que eles inspiraram. Considerada como o embrião do movimento hippie, a "Beat Generation" inspirou grupos como os Beatles e fez parte da Contracultura, movimento de grande proporção, assinado pelo inconformismo com a realidade da década de 1960, pela contestação ao consumismo, anticomunismo e alienação da população. Caracterizou-se historicamente como um período movimentado por profusas manifestações de caráter revolucionário, político e cultural.

Outro fator bastante mencionado sobre os anos 60 é a vocação política dos jovens daquele momento. Eles queriam mudar o mundo. Perguntavam-se como se poderia tornar o mundo mais humano, melhor de se viver, menos insensato. Era inconcebível para eles que as pessoas, de um modo geral, vivessem alheias aos problemas sociais e

políticos. (MACIEL, 1987, p. 7).

A partir do descontentamento global, nos âmbitos social, político, econômico e espiritual, foram suscitadas intensas contestações em relação ao establishment (do sistema). O sentimento existencial, causado pela falta de sentido, acabou favorecendo um ímpeto pela transformação da consciência e forma de ver o mundo. Um estilo de vida alternativo e de caráter libertário que valorizava a natureza, a vida comunitária, a luta pela paz, o respeito às minorias, o vegetarianismo, a alimentação saudável, a experiência com drogas psicodélicas e a aproximação com as práticas e conhecimentos religiosos orientais começou a surgir. Os jovens inovaram as formas de comunicação em massa, pois almejavam alcançar o maior número de pessoas em uma chamada para a transformação da sociedade. Por meio da tomada de consciência e mudança de atitudes, acreditavam poder tornar essa mudança possível.

A terminologia Contracultura foi cunhada pelo historiador Theodore Roszak em 1968, em seu livro *The Making of a Counter Culture*, como tentativa de reunir e dar sentido a tudo que envolvia a juventude dos finais dos anos 50 e 60. Ele a define como uma cultura de oposição política que se caracterizava por um momento de refutação, principalmente, contra a tecnocracia e o militarismo do pós-guerra.

O autor define o termo como um movimento que abrangia as revoltas estudantis, o movimento de revolução da consciência, o movimento hippie, o ativismo político, os movimentos de minorias racistas e feministas, como também, o desafio à autoridade e às regras vigentes, a revolução underground nas artes, a valorização do corpo, do sentimento, do amor livre e da paz e a experimentação psíquica por meio das drogas psicodélicas, da ecologia, da autoexpressão e espontaneidade e das experiências meditativas e espirituais. Costuma-se cotejar a contracultura a partir da Beat Generation. Ao termo confere-se, portanto, a abrangência de um conjunto de novas formas de expressão, sendo um de seus aspectos capitais é o fato de refutar a cultura vigente, oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente. O fenômeno não era oficialmente reconhecido e foi considerado como uma cultura marginal que, nos dias atuais, academicamente é chamada de “anticultura” ou “contracultura”.

Os movimentos que se opunham ao status quo buscavam explicitar que uma nova forma de sociedade estava emergindo, de forma a semear um terreno propício para que o movimento chamado de Nova Era pudesse se configurar.

1.2. O Movimento Nova Era

O Movimento Nova Era surgiu entre as décadas de 1960 e de 1970 e fez parte dos movimentos de contracultura da época, servindo como ferramenta de contestação contra as religiões e valores tradicionais. Caracterizou-se por reunir e misturar diferentes tradições orientais e ocidentais, por experimentar os mais diversos sincretismos e misturar símbolos religiosos, sem critérios ordenados e de forma individual. Adquiriu caráter libertário, híbrido e de oposição à ortodoxia, conservadorismo e princípios das religiões organizadas tradicionais. Encontrou-se com o Movimento Beat e com diversas outras manifestações da contracultura. A Contracultura é a raiz histórica do Movimento Nova Era.

Não se trata de um movimento que se configura como seita, religião, grupo político etc., mas se refere a uma cultura, uma filosofia de vida que está penetrando nas mais diferentes áreas da sociedade, instituições e disciplinas do saber. É considerado um fenômeno, com características de mobilidade e plasticidade, e que pretende superar a estagnação e domínio da razão e da técnica vivida por décadas. Supõe-se que suas raízes primordiais estejam ligadas à primeira reunião de representantes de várias religiões nos Estados Unidos, em 1893, e que culminou em 1897, com a fundação da Vedanta Society, por Swami Vivekananda, o qual teve como discípulo Prabhavananda, posteriormente, guru de Aldous Huxley.

Conspirar, em sua acepção literal, significa ‘respirar junto’. É uma ligação íntima. A fim de tornar clara a natureza benévola dessa ligação escolhi a palavra "Aquariana". [...] fui atraída pela força simbólica do sonho difundido em nossa cultura popular, estamos entrando em um milênio de luz e de amor, ou como diz uma canção popular, ‘A Era de Aquário; a era da ‘verdadeiramente liberação da mente. (FERGUNSON, 1980, p. 19).

Ferguson (1980) compara o surgimento da Conspiração Aquariana, do final do século XX, com um grande guarda-chuva, onde uma série de ideias se encontra, dialoga e se converge. Vale destacar que para a autora se refere ao mesmo movimento da Nova Era. Para ela, esse caldo de ideias e diferentes pontos de vista fazem com que a

sistematização do movimento componha-se como uma árdua tarefa, mas que, apesar disso, por meio dos livros, práticas, afirmações dos seus adeptos, entre outras fontes, seja possível notar alguns pontos éticos no seu sistema doutrinário. Assim, se pode afirmar que foi influenciado por metáforas, mitos, poesias e profecias do passado. Estes sempre trouxeram histórias de indivíduos que à margem da ciência e da religião acreditavam, mediante suas próprias experiências, que seria possível que as pessoas viessem a transcender as restrições da consciência ordinária impulsionadas pelo desejo do ser humano por uma Nova Era. Na perspectiva da autora, o ponto central é comum, pois propaga a ideia de que apenas por meio de uma nova mentalidade será possível para a humanidade remodelar a si mesma, acreditando ainda que o potencial para essa nova mentalidade seja natural.

O paradigma da Conspiração Aquariana aos olhos de Ferguson (1980) percebe a humanidade como parte da natureza, fomenta a autonomia do indivíduo em uma sociedade descentralizada. Apreende a humanidade como responsável em conduzir o cabedal interno e externo, sem limitações por condicionamentos ou conjunturas, legatária de virtudes evolucionárias, capaz de imaginar, inventar e ter experiências que pouco ainda é possível vislumbrar. A natureza não é boa nem má, mas aberta a uma transformação e transcendência contínua. Só precisa descobrir a si mesma. A nova perspectiva respeita a ecologia de todas as coisas como o nascimento, a morte, o aprendizado, a saúde, a família, o trabalho, a ciência, a espiritualidade, as artes, a comunidade, os relacionamentos e a política.

A autora também considera que esse movimento encoraja a transformação da humanidade, por meio do que chamam de despertar da consciência para o “verdadeiro” mundo, sendo possível o uso de psicodélicos para alcançar esta mudança interior. A consciência alcançada e seu nível de testemunho muitas vezes são citados como uma dimensão, superior, mais elevada.

Os jovens envolvidos nos movimentos de experimentação de drogas, misticismo oriental, Psicologia da alienação e experiências comunitárias foram considerados por Roszak (1972) como um grupo que divergiu radicalmente dos valores e pressupostos constituintes dos pilares da sociedade, desde a Revolução Científica no século XVII. Alguns autores referem-se a esse grupo como sendo o eco e o grito de liberdade de uma época.

As diferentes experiências oportunizadas ressuscitaram questões que iam além de uma realidade pragmática. Estas haviam sido negligenciadas pela ciência contemporânea e não eram explicadas por meio do axioma cartesiano. Com isso, passou a ser algo coletivo o fato de querer compreender o transcendente, o êxtase, o imanente e o noético. Os artistas e místicos buscavam explorar as instâncias que consideravam esquecidas pela ciência e diziam que ao experimentar o irracional, o inconsciente e o místico, tinham contato com os valores supremos da existência.

O uso de drogas psicodélicas mais particularmente o ácido lisérgico LSD, colocou em relevo a existência de uma entrada em outra dimensão e de um alargamento do campo da consciência, provocando a chamada consciência cósmica. (WEIL, 1982, p. 8).

Ferguson (1980) cita os transcendentalistas, grupo de cientistas que em 1836 criou o núcleo conhecido como Transcendentalismo Americano. Os transcendentalistas Ralph Waldo Emerson, Henry Thoreau, Bronson Alcott e Margaret Fuller, dentre outras pessoas, já se opunham ao intelectualismo considerado, por eles, improdutivo e sobrepujado na época. Segundo a autora, para eles faltava algo, uma invisível dimensão da realidade, que por vezes era denominado de Superespírito. Retrata ainda que os transcendentalistas buscavam a compreensão em muitas fontes como por meio da experiência, intuição, do conceito quacre de uma Luz Interior, do Bhagavad-Gita, de filósofos alemães do Romantismo, do historiador Thomas Carlyle, do poeta Samuel Coleridge, de Swedenborg e de escritores metafísicos ingleses do século XVII.

A Nova Era coloca na sua história uma série de nomes de personagens que marcaram o desenvolvimento e história da idéia e experiências. Nomes como William James, Carl Jung, Alfred North Whitehead, Pierre Teilhard de Chardin, Martin Buber, Aldous Huxley, C.S. Lewis, Carl Rogers, Erich Fromm. Segundo a New Age o que une estes homens é um tipo de premissa transcendental que dominará a cultura, ‘o resultado será um fenômeno social e histórico tão grande e penetrante como a Reforma Protestante’. (FERGUNSON, 1980, p. 58).

Leila Amaral (2000), em seu livro: “O Carnaval da Alma”, oferece um panorama sobre o fenômeno de forma bastante particular. Segundo ela, o Movimento Nova Era tem raízes oriundas de algumas manifestações espiritualistas e esotéricas do século XIX, como por exemplo, a tradição teosófica, que por meio de sua metafísica do oculto era a manifestação mais influente desta época. Soma-se a ela uma reinterpretação ocidental

da religião hindu e a utilização de técnicas e práticas místicas de diferentes tradições culturais que vieram a se tornar características deste fenômeno.

Os novos tempos acabaram despertando questionamentos e inquietações que clamavam por renovação e o movimento emergiu como resposta a esta demanda. Para tanto, protagonizou a articulação entre o novo e o antigo e assim oportunizou um enorme sincretismo religioso. Embora se concretizasse como um fenômeno de difícil sistematização, este representava um ímpeto de ressacralização da vida por meio da criação de um novo paradigma a partir do subjetivismo religioso. O fenômeno trazia uma forte marca e sentido de transformação e, por essa razão, talvez fosse dotado em si de um potencial heurístico próprio do fenômeno. Estabeleceu-se como um movimento sem classe doutrinal ou dogmas definidos. Com base nessa reflexão, Leila sugere que não existe nada que seja em si mesmo absolutamente Nova Era, já que esta era a possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar e rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos metafóricos que pudessem expressar uma determinada visão.

Quando falamos de uma “Nova Era”, estamos querendo significar um movimento evolutivo que está sendo esboçado nestes últimos decênios, que têm as Suas raízes na própria desagregação (da sociedade), como reação a ela e que vai em direção a formação de uma consciência global e unitiva” (WEIL, 1986, p. 112).

Amaral (2000) ainda refere-se ao movimento como sendo uma tentativa de achar o reencantamento pelo mundo, no qual as sociedades humanas começaram a se apresentar com uma nova consciência de caráter plural e que resgata e articula os sincretismos das mais diversas tradições e práticas de maneira híbrida e complementar. Essas articulações de forças vindas de outras culturas e oriundas da natureza intensificaram a força do próprio desejo de recompor uma unidade que fora rompida e, por meio desse gesto, desencadearam sentidos que não haviam sido previstos, descobrindo vínculos que se tornaram invisíveis com a modernidade.

Entende a reflexão como uma mudança de paradigma que já se encontra em ação em milhares de profissionais como professores, consultores, psicólogos educacionais, conselheiros, administradores, pesquisadores e membros de corpos docentes de faculdades de pedagogia, buscando alcançar a almejada "transformação pessoal", acrescenta Ferguson (1980).

A característica central, ou se podemos chamar de "coluna vertebral" da educação da Nova Era, está ligada a uma constelação de técnicas e conceitos por vezes designada como educação transpessoal. O nome deriva de um ramo da Psicologia que enfoca as capacidades transcendentais dos seres humanos. Na educação transpessoal, o aluno é encorajado a estar atento e autônomo, indagar, explorar todos os cantos e frestas da experiência consciente, procurar significado, testar os limites exteriores verificar as fronteiras e as profundidades do próprio eu. A experiência transpessoal visa a um novo tipo de aluno e um novo tipo de sociedade. Além da autoaceitação, ela promove a autotranscendência. A educação transpessoal é mais humana do que a educação tradicional [...] ela se propõe a ajudar a transcendência e não a fornecer meras habilidades de ajustamento, [...] é o processo de expor as pessoas ao mistério que existe nelas. (FERGUNSON, 1980, p. 271, grifos da autora).

O uso da Psicologia Transpessoal para esta educação é aliada à "sabedoria oriental" (entendendo-se por misticismo-ocultismo), pois para a Nova Era a paz procurada pelo homem moderno é produto direto e proporcional ao grau de consciência atingido e que pode ser desenvolvido mediante a experiência da vida explícita, considera Weil (1991). Acredita que seja adquirida por meio de outros estados de consciência, já que a realidade vivida em estado de consciência de vigília é diferente da realidade vivenciada em estado de consciência transpessoal.

Assim, Weil concebe a Cosmoeducação como a educação do futuro, já que sua proposta é levar em conta acorrer o homem a entrar em estado de "superconsciência". Complementa que a CosmoPsicologia é o ramo de ciência que tem o estudo da consciência e sua percepção de realidade, especialmente no nível cósmico, que abrange todos os outros níveis ou graus de consciência como objeto de estudo. A Cosmoeducação estaria ligada ao desenvolvimento vivencial ou experiencial da unidade homem/cosmo e a cosmo/terapia que seria a devolução ao homem de sua paz interior por meio dessa vivência da unidade, explica Saldanha (2006).

O autor também sugere que para a Nova Era é possível outro tipo de conhecimento, pois seus expositores declaram que "a mente recebe mensagens de todo o universo, em que há possibilidade de um campo energético de natureza desconhecida se deslocar instantaneamente para qualquer ponto do cosmo", e este conhecimento é tão verdadeiro quanto é num estado de consciência de vigília.

A Nova Era não deve ser concebida como um movimento institucionalizado, um grupo em si - fechado ou aberto - ou uma

religião/seita, embora possa, aqui e ali, assumir essas conotações. Trata-se de um clima, de uma mentalidade geral e de uma atitude que vão penetrando tudo e se tornando algo conatural à expectativa e à aspiração cultural de nossa época. Para Miller, a melhor maneira de entender o que seja a Nova Era é representa-la como uma rede ou, mais apropriadamente ainda, ‘uma rede de redes’, sem estrutura rígida, seja no nível das pessoas, seja no das organizações. O eu as liga entre si são valores e percepções comuns, cuja base está na captação mística e monista do Universo. Segundo tal percepção, há como que três eixos de confluência: a totalidade, a transformação e a espiritualidade. Dentro desse “holos” em transformação situa-se nossa individualidade em seu devir, devir inserido na evolução da consciência espiritual universal. (VALLE, 2010, p. 201).

A articulação de signos e símbolos oriundos das mais diferentes tradições pode fazer o fenômeno parecer nebuloso para aqueles que não respiram essa atmosfera, na qual se tem uma costura de elementos orientais, ocidentais e indígenas, os conhecimentos milenares e modernos, e ainda, as psicotecnologias alternativas.

Estes signos e símbolos são desconectados de seus grupos de origem e ressignificados, abrindo caminho para práticas espirituais que são independentes de inserções religiosas. Assim, a prática de combinar técnicas variadas, retiradas de seu contexto original e divorciadas de suas estruturas teóricas, vai se tornando, assim, bem estabelecida no movimento.

Nesse processo de combinação de várias tradições espirituais espalha-se e democratiza-se um conhecimento antes restrito a locais, práticas ou grupos específicos. Diferente das práticas ocultistas do século XIX que tinham caráter esotérico permitindo o acesso de um número restrito de pessoas, no universo Nova Era as habilidades e as artes mágicas não são um “presente de Deus para uns poucos” como afirmava Paracelso, mas para todos os homens (AMARAL, 2000, p. 32).

Haja vista a grande abrangência do fenômeno, ninguém mais a ignora, nem estranha quando se vê diante de uma de suas manifestações, aponta Guerriero (2002) e lembra que formam uma gama tão variada de atividades, que facilmente algumas delas podem ser esquecidas. O antropólogo considera parte do Movimento Nova Era as consultas divinatórias em consultórios, praças públicas ou shopping centres, bem como religiões estruturadas e institucionalizadas como a ISKCON³, passando por terapias do

³ A Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna, ou simplesmente ISKCON (International Society for Krishna Consciousness) é uma associação religiosa, filosófica e cultural derivada do Hinduísmo vaishnava. Fundada em 1966, na cidade de Nova Iorque, pelo pensador indiano A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (Snila Prabhupada) ficou conhecida popularmente como Movimento

corpo e da mente, vivências xamânicas, técnicas de meditação, livros de autoajuda, alimentação naturalista, cristais, pirâmides, agências de viagens especializadas em roteiros a lugares sagrados, como Machu-Picchu, Índia, Nepal, São Tiago de La Compostela e São Tomé das Letras, adorações à Lua e bruxarias em seus aspectos positivos, entre outros.

As experiências místicas e psíquicas, a cultura das drogas e ocultismo, resultaram em um movimento que buscou estruturar o impulso pela renovação da ciência no início dos anos 60, chamado de Movimento do Potencial Humano, como umas das heranças da Contracultura. Para tanto, apoiou-se na Psicologia Humanista, comungou da tradição científico-filosófica antipositivista, e teve Willian James como forte referência.

Durante os anos 1960, muitos estudiosos e líderes do movimento de renovação da Psicologia e das ciências em geral acabaram por se encontrar no *Esalen Institute*. Esse instituto é um Centro Educacional multidisciplinar que tem como foco o estudo de disciplinas que ainda são negligenciadas ou desfavorecidas por outros Centros de Estudos tradicionais tais como a Psicologia, Espiritualidade, Meditação, Massagem, Yoga, Ecologia, Artes, Música, entre outras. É uma organização sem fins lucrativos, situada em Big Sur, Califórnia, Estados Unidos. Este local é um verdadeiro celeiro para novas ideias e foi um ambiente propício e privilegiado para que a propagação do potencial do movimento humano pudesse acontecer. Sabe-se que o principal foco de propagação do Movimento do Potencial Humano foi a Califórnia, onde, na década de 60, foram fortes os grupos hippies e a contracultura. Sua origem remonta a 1962. O ponto de referência é o Instituto de Esalen, cuja finalidade consistia em descobrir os meios de melhorar o potencial humano (COIMBRA, 1995, p. 249).

O Instituto Esalen é considerado um local para retiro e também um centro de disseminação de informações por meio de cursos, oficinas e workshops com o foco em práticas sociais e comunitárias, atividades para expansão da consciência, experiências transpessoais e paranormalidade e desenvolvimento espiritual. Erdmann (2011) relata que ao longo dos anos, Esalen tem sido sede para a congregação entre notáveis cientistas como Abraham Maslow, Pierre Weil, Aldous Huxley, B. F. Skinner, Paul Tillich, Carl Rogers, Joseph Cambell, Stanislav Grof, Timothy Leary, Fritjof Capra, David Korten, entre outros.

Hare Krishna e, atualmente, possui mais de 350 centros culturais, 60 comunidades alternativas, 50 escolas e 60 restaurantes no mundo todo. A partir da década de 1970, sob a liderança de Hridayananda Goswami, o Movimento Hare Krishna chegou ao Brasil, onde estabeleceu diversos templos e comunidades nos anos que se seguiram.

Tem sido descrito como um lugar onde o Ocidente se funde com o Oriente. Há muitos anos costuma ser o núcleo de conferências e atividades sobre meditação, xamanismo, espiritualidade, música, Psicologia, filosofia oriental, esoterismo, metafísica, artes, fenômenos psíquicos e transpessoais, física quântica, ecologia, consciência global, ioga, terapias alternativas e na primeira década de funcionamento a psicodelia teve papel eloquente nos estudos do Instituto.

Um dos proponentes mais importantes do Movimento do Potencial Humano foi Aldous Huxley. Suas publicações e sua defesa pelo psicodelismo fizeram com que intelectuais como Willis W. Harman começassem a acreditar que a meditação e a utilização de alucinógenos fosse um alicerce mais adequado para o desenvolvimento científico e tecnológico. Sob essa perspectiva, acreditavam estar propondo uma nova metafísica de ciência e tecnologia.

Erdmann (2011) relata que ao envolver-se com o misticismo, tanto por meio da meditação ou impelido por alucinógenos, Aldous Huxley acabou preparando o caminho para o florescente Movimento do Potencial Humano. De 1972 a 1974, foi realizado no Instituto de Pesquisas de Stanford, um estudo científico intitulado “Imagens em Transformação do Homem” que teve como intenção a modificação dos axiomas conceituais implícitos na sociedade ocidental, integrando uma transmutação drástica da cosmovisão racionalista da ciência ocidental.

Como presidente do Instituto das Ciências Noéticas de 1977 a 1996, Harman defendia abertamente um ponto de vista místico para a vida, afirmando que uma abordagem espiritual para a pesquisa científica e o desenvolvimento tecnológico expandiria grandemente nossa compreensão da unidade monística do universo (ERDMANN, 2011, p. 5).

A utilização de LSD pelos jovens e artistas nos anos de 1960, o anseio por novas respostas e as diversas experiências vividas nessas ocasiões, parecem ter sido importantes motivadores para o surgimento de uma Psicologia mais ampla e abrangente, com perspectivas contemporâneas e que priorizasse os aspectos saudáveis dos seres humanos como verdadeira potência para a felicidade. Muitos jovens experimentaram o contato com o transcendente e todas essas experiências, de caráter religioso ou não, acabaram trazendo a tona uma postura de caráter libertária e aberta aos questionamentos

revelados que não estavam encontrando acolhimento nas religiões tradicionais e nem tão pouco na Psicologia.

O Movimento Nova Era foi o movimento social e cultural que refletiu a procura pela liberdade individual em todos os âmbitos da vida, inclusive o religioso. Por este motivo, aspectos e questionamentos ligados ao transcendente, ao si mesmo, ao sentido da vida, à espiritualidade, começaram a ser desvelados. Nota-se, portanto, que o movimento permeou as diferentes instâncias da vida, de modo que na Psicologia ele parece ter favorecido o seu desdobramento para além dos próprios muros.

As diversas tradições místicas como as filosofias orientais, xamanismo, experimentações psicodélicas, entre outras, estavam chamando cada vez mais a atenção de um grande grupo de pessoas, em especial a dos jovens. À medida que essas experiências aconteciam e eram difundidas, mais questionamentos vinham à tona. Com isso, a metamorfose social pela qual a sociedade estava passando desencadeou inúmeras inquietações, em especial aquelas de foro existencial, que emergiam conforme crescia a necessidade das pessoas em descobrir o mundo a partir de novos parâmetros. Essa busca se deparou com Psicologia, ciência que pretende, entre outras coisas, acolher as angústias humanas.

Contudo, as escolas psicológicas não demonstravam abarcar as experiências que aconteciam além do ego, no nível transpessoal deixaram espaço para que uma Psicologia mais abrangente e transcultural, que incluísse a observação e compreensão de fenômenos como as experiências místicas, consciência cósmica, o fenômeno do transe, as experiências fora do tempo-espaço, o encontro com o sagrado entre outros viesse a surgir, sendo ou não de cunho religioso. Logo, essa reflexão remete à possibilidade de tal lacuna ter propiciado o nascimento dessa nova escola intitulada como Psicologia Transpessoal.

A Psicologia Transpessoal pretende, portanto, ocupar para compreender os espaços ainda não explorados do psiquismo humano, em especial os que acontecem para além da personalidade e do ego, no nível chamado pela abordagem, de transpessoal. É uma escola que conclama a inclusão em seu arcabouço das experiências especificamente humanas, como a autorrealização, criatividade, transcendência,

experiências místicas, culminantes, de santidade, de unidade com ou sem caráter religioso.

A abordagem apresentada demonstra valorar de forma singular o estudo dos estados alterados de consciência e pelas experiências transpessoais, com foco de pesquisa. A experiência transpessoal do indivíduo estuda níveis de consciência e considera que há no ser humano uma dimensão espiritual. Busca compreender e atender principalmente às preocupações relacionadas aos aspectos associados ao especificamente humano, as metanecessidades e experiências chamadas de transpessoais que acreditam acontecer num nível de consciência além do conhecido como vigília.

É que nossa consciência desperta normal, a consciência racional como lhe chamamos, não passa de um tipo especial de consciência, enquanto que em toda a sua volta, separadas dela pela mais fina das telas, se encontram formas potenciais de consciência inteiramente diferentes. Podemos passar a vida inteira sem suspeitar-lhes da existência; basta, porém, que se aplique o estímulo certo para que, a um simples toque, elas ali se apresentem em sua plenitude, tipos definidos de mentalidade que têm provavelmente em algum lugar o seu campo de aplicação e adaptação. Nenhuma explicação do universo em sua totalidade poderá ser final se deixar de lado essas outras formas de consciência. A questão resume-se em como observá-las - pois não há muita continuidade entre elas e consciência ordinária. (JAMES, 1995, p. 242).

Importante observar que, como relata Valle (2010), alguns psicólogos como C. G. Jung, Abraham Maslow e R. Assagioli, já tinham sua atenção voltada para a tentativa de aproximação entre Psicologia e o fenômeno da mística e da religião antes mesmo do surgimento das “Psicologias alternativas” como nomeia o autor, que tiveram os anos 60 seu nascedouro. “Eles sentiam que a Psicologia acadêmica e os métodos terapêuticos eram gravemente insuficientes no que toca essa questão” (Valle, 2010, p. 217). Ressalta ainda que não faltavam psicólogos expoentes que procurassem uma nova aproximação a essa dimensão do “inefável que busca a si mesmo”, na consciência ou, como outros denominam, na “supraconsciência” ou na “transconsciência” que o homem intenta ter em si mesmo.

Assim, conclui-se que em meio aos movimentos de contracultura dos anos 60 e as transformações suscitadas nesse período, emergiu a Psicologia Transpessoal. Disposta a alargar a compreensão a respeito do ser humano, para além do modelo

epistemológico das ciências humanas como um novo recorte epistemológico dentro da Psicologia. Busca abarcar outros enfoques científicos tais como a medicina, a antropologia, a sociologia, a física, a química, a matemática, a astronomia, a metafísica, além dos conhecimentos orientais e elementos de outras escolas de Psicologia, delimitando o foco de estudo nos estados de consciência que transcendem a pessoa e o conceito de ego.

Autores da abordagem costumam relacionar o seu modelo com os pressupostos da Física Quântica e Relativista, nas considerações e ponderações de cientistas como Max Planck, Werner Heisenberg, Albert Einstein, Fritjof Capra, Amit Goswami, David Bohm, John Bell, Gary Zukav, na teoria da Mente Holográfica de Karl Pribram, genética, neurociências entre outros estudos.

1.3. Psicologia Humanista como Precursora da Transpessoal

O século XX caracterizou-se por um momento histórico de grandes avanços nos transportes, comunicação e também na ciência. Embora a Psicanálise e o Behaviorismo fossem as maiores forças de influência dessa época, vinham causando certa insatisfação como abordagens adequadas para a psique humana, apesar de sua incontestável relevância. O determinismo e o inconsciente como prisma central da Teoria Psicanalítica e o foco na metodologia científica, pelo Behaviorismo, foram as críticas mais vigorosas dos novos movimentos de Psicologia surgidos em meados do século XX, conforme abordado no capítulo anterior.

Seus contestadores, entre eles Abraham Maslow, psicólogo americano, conhecido pela proposta “Hierarquia de necessidades de Maslow” e considerado como o fundador da Psicologia Humanista, questionavam o mecanicismo e determinismo das propostas psicanalíticas e behavioristas, a exclusão da emoção e a pouca importância dada às potencialidades inerentes aos seres humanos. Em meio a este cenário, grandes nomes da Psicologia passaram a assumir uma postura reativa perante essas metodologias, sentindo-se impulsionados e motivados a buscar uma nova perspectiva de compreensão a respeito do ser humano que viesse a olhá-lo em sua totalidade e não mais de forma compartimentada.

[...] surgiu da necessidade de ampliar, naquele momento, a visão de homem que, segundo os psicólogos humanistas, se achava limitada e restrita a apenas alguns aspectos, a alguns elementos apresentados

pelas perspectivas teóricas dos behavioristas e dos psicanalistas. 'Para eles, tanto a psicanálise quanto o behaviorismo apontavam para partes de um todo maior e mais complexo que é o ser humano, estando a visão total do ser humano prejudicada por esta ênfase nas partes'. (HOLANDA, 1999, p. 38).

Em 1969, Maslow fez uma crítica incisiva às limitações do behaviorismo e da psicanálise, ou a primeira e a segunda forças em Psicologia, como ele as chamou, e formulou os princípios de uma nova perspectiva em Psicologia.

O autor também se colocou em oposição ao comportamentalismo, principalmente pelo estudo com animais que poderiam, de acordo com ele, somente esclarecer os aspectos do funcionamento humano partilhado com esses animais, tornando o estudo irrelevante para a compreensão dos aspectos especificamente humanos mais elevados, como a autoconsciência e autodeterminação, o amor e a liberdade individual, a moralidade, a arte e filosofia, a religião, a espiritualidade e a ciência ou mesmo para o desprendimento a respeito dos aspectos negativos, especificamente humanos, como a ganância e ambição pelo poder, a crueldade e a maldade e pela ausência de valia pela consciência tendo comportamento como foco exclusivo de pesquisa.

Na contra mão da ênfase ao estudo do comportamento, a Psicologia Humanista caracteriza-se por honrar o interesse pela consciência e pela introspecção. A ênfase exclusiva dos comportamentalistas na determinação pelo ambiente, estímulo/resposta e recompensa/punição, passou a ser substituída pela ênfase na capacidade dos seres humanos de serem direcionados e motivados internamente e a alcançarem a autorrealização em seu completo potencial humano. Em sua crítica à psicanálise, considerava que Freud e seus seguidores acreditavam ter obtido conclusões sobre a psique humana, principalmente àquelas referentes à psicopatologia, e ele discordava de seu reducionismo biológico e da tendência a explicar todos os processos psicológicos em função dos instintos básicos.

A Psicologia Humanista por sua vez direcionou o seu olhar sobre as populações saudáveis, ou mesmo em indivíduos que apresentaram funcionamento supranormal, em várias áreas, sobre o potencial de desenvolvimento humano e a respeito das incumbências mais sublimes da psique. Enfatizou que Psicologia tem o valoroso papel

de servir a importantes objetivos e interesses da sociedade humana e ser sensível às necessidades humanas práticas.

Acabou abandonando o comportamentalismo que havia abraçado no início de sua carreira, por acreditar que cada indivíduo tem em si uma potencialidade inata pelo impulso à autorrealização. Sua percepção sobre os seres humanos como seres saudáveis foi uma de suas grandes contribuições para a Psicologia. Dentro de sua perspectiva os aspectos saudáveis dos seres humanos estão relacionados ao sentido da vida e da existência e afirmava ainda que se ater apenas aos aspectos patológicos acaba por inibir as potencialidades humanas e por consequência disso o indivíduo pode adoecer.

Anthony Sutich (1978) um dos principais nomes da abordagem e considerado por muitos como cofundador, descreve que no verão de 1957, Maslow anunciou por meio do lançamento do primeiro número do *Journal of Humanistic Psychology*, o surgimento da Psicologia Humanista, como sendo a terceira força em Psicologia. Referiu-se a ela como capaz de envolver e contemplar profissionais das mais diversas áreas e que, diferente da Psicanálise e do Behaviorismo não era considerada como uma escola de pensamento, mas sim, um conglomerado heterogêneo de teóricos que possuíam em comum a busca por uma perspectiva que chamaram de olhar humanizador do aparelho psíquico.

Foi um Movimento que se configurou por perceber o homem como detentor de liberdade e escolha, sempre no presente. Seu arcabouço conglomerou muitas ideias da filosofia fenomenológica existencial, da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e do Psicodrama de Jacob Levy Moreno, da Gestalt, por sua visão holística do homem, de Carl Rogers, psicanalista americano e um dos maiores expoentes da obra humanista e criador da terapia centrada no cliente, assim como, Erik Erikson, alemão, médico psiquiatra responsável pela teoria do Desenvolvimento Psicossocial, Viktor Frankl, austríaco, médico psiquiatra fundador da Logoterapia, dentre outros.

Em 1961, os profissionais envolvidos nesse Movimento fundaram a revista intitulada *Psicologia Humanística*. Esses estudiosos tinham interesse em estudar o que eles chamaram de capacidades últimas dos seres humanos, capacidades como transcendência do ego, valores superiores, autorrealização, criatividade, amor, autonomia, saúde psicológica, capacidade de reflexão e escolha, responsabilidade planetária, e autonomia entre outros desvelos, e que não vinham encontrando

consideração sistemática nas primeiras teorias. A declaração que contém o objetivo da revista vigora ainda hoje:

A revista de Psicologia Humanística ocupa-se com a preocupação de pesquisas teóricas e aplicadas, contribuições originais, ensaios e artigos e estudos sobre valores, autonomia, ser, self, criatividade, identidade, crescimento, saúde psicológica, organismo, autorealização, necessidades básicas de satisfação e conceitos relacionados. (SUTICH, 1978, p. 24).

Após o lançamento do primeiro número da revista, a necessidade de fundarem uma associação ficou evidente e logo as preparações para a sua estruturação foram iniciadas. Em 1965, ela já estava prestes a tornar-se independente e em menos de seis anos já havia se tornada próspera. O Movimento ganhou força rapidamente fazendo com que a associação passasse a ser composta por outras pessoas além daquelas que buscavam protestar a uma força atuante.

Em janeiro de 1966, vários membros de editores da revista de Psicologia humanística foram convidados a participar de um seminário com o Padre MC Namara, chefe do Inter-Faith Spiritual Life Institute de Sena, Arizona. O seminário foi intitulado de Teologia Humanística e foi realizado em Hot Springs, Big Sur, California, sendo co-patrocinado pelo Esalen Instituto.

Ao perceberem a importância do evento, teóricos do novo movimento persuadiram Maslow a deixar outro evento que estava sob sua direção para falar brevemente no seminário de Teologia Humanística. Os meses seguintes, talvez como resultado em grande parte pelo que havia transpirado naquele seminário, acabaram evidenciando para o autor que uma nova Psicologia humanística já estava se impondo e havia sido equivocadamente indicada como outra força emergente em Psicologia.

Pesquisadores interessados em alargar ainda mais sua compreensão em relação às dimensões psíquicas e seus aspectos, como Abraham Maslow, Anthony Sutich, Stanislav Grof, James Fadiman, Miles Vich e Sonya Margulies, reuniram-se em Menlo Park, Califórnia em 1967, com o propósito de criar uma nova Psicologia que pudesse, segundo eles, honrar o espectro inteiro da experiência humana que inclui os vários estados incomuns de consciência. A preocupação desses profissionais em olhar o que eles chamaram de pessoa “inteira”, visava à obtenção de uma compreensão total, ao invés de um enfoque comportamentalista que reduzisse a experiência humana ao

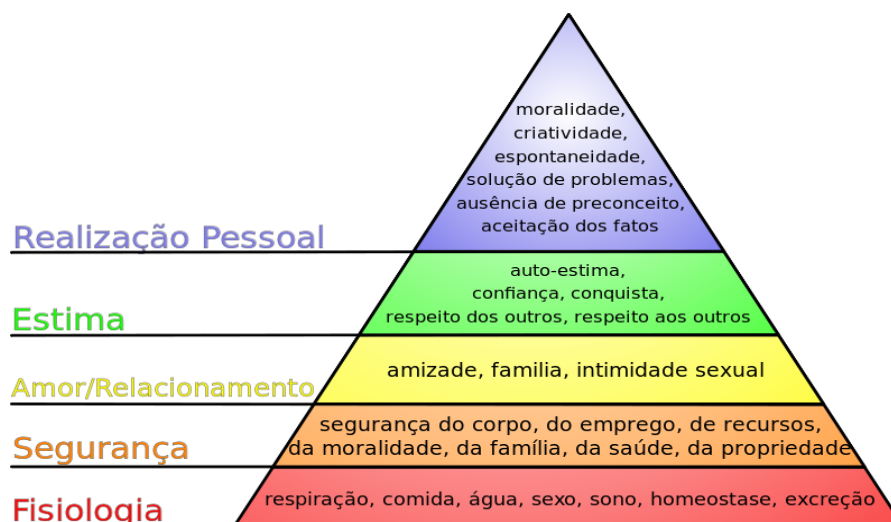
mecanicismo, que proporcionasse luz à essência da humanidade e da própria experiência.

Ao evidenciar a natureza superior da consciência, as experiências culminantes, a transcendência, a espiritualidade e os valores positivos, Maslow inaugurou uma nova linguagem conceitual na Psicologia. Fez das experiências de transcendência o centro de sua Psicologia, já que acreditava que fossem uma bússola pela qual o homem ganha um senso do norte de sua existência. Não percebe a transcendência como aniquilação da individualidade, mas sim como inclusão de aspectos superiores e construtivos próprios do indivíduo, como fonte de poder, significado e propósito dentro de si mesmo.

As pesquisas realizadas pelo autor a partir da década de 1950 evidenciaram que as experiências que transcendem a dimensão do pessoal promovem valores positivos, conforme menciona Saldanha (2008). Seriam valores tais como a gratidão, a esperança e a beleza já existentes no ser humano, mesmo que em potencial, capazes de suscitar um sentimento de pertencimento a algo maior que si mesmo e favorecer a atribuição de sentido às experiências e à vida.

O autor considera que o mais importante para a Psicologia é que ela conheça e trabalhe com o lado saudável do ser humano, ao invés de dar tanta ênfase à patologia e que insira os níveis superiores da consciência no seu escopo de estudo. Assim, ao reconhecerem que os seres humanos possuem um impulso de autorrealização, os psicólogos humanistas começaram a buscar diferentes maneiras que viessem a potencializá-lo, tanto em indivíduos, como em grupos ou organizações. Vale citar o desenvolvimento da tabela que segue conhecida como Hierarquias de necessidades de Maslow.

Figura 1 – Hierarquias de necessidades de Maslow



Fonte: disponível em: < <http://www.dekasseguirico.com/tag/piramide-de-maslow/>>. Acesso em: 18/05/2013.

Além da Hierarquia de Necessidades, desenvolveu a Teoria da Motivação Humana, estudos preciosos a respeito das experiências culminantes (peak experience), que seria um estado de consciência superior e tema diretamente relacionado ao próprio advento da Psicologia Transpessoal.

A Psicologia Humanista desenvolveu-se rapidamente e, em menos de uma década, passou a fazer parte integrante no campo geral da Psicologia, assegurando seu futuro. Apesar do sucesso e reconhecimento que esse campo havia conquistado, a definição da Psicologia Humanística que em princípio parecia ser infundável, estava apresentando possibilidades que não haviam sido inclusas ou explicitadas na definição original. Estas estavam relacionadas ao que Maslow e outros chamaram de estados finais, significado último, objetivo último, ponto ômega, universalidades, uma Psicologia das relações últimas etc.

Apesar da grande popularidade e aceitação que havia conquistado, a Psicologia Humanista passou a deixar seus fundadores descontentes com o modelo conceitual que eles mesmos haviam criado. Ambos, Maslow e Sutich, tornavam-se cada vez mais conscientes de que não haviam dispensado a atenção necessária a um aspecto fundamental da psique humana, a dimensão espiritual. Diante dessa constatação, Maslow (1968), percebeu que o modelo humanista apresentava limitações em abranger o âmbito em que a experiência do potencial humano acontece continuamente. Portanto, o autor chega a seguinte conclusão a respeito da Psicologia humanista:

Devo dizer que considero a Psicologia Humanista ou Terceira Força de Psicologia, apenas transitória, uma preparação para a Quarta Psicologia, ainda mais elevada, transpessoal, transhumana, centrada mais no cosmo do que nas necessidades e interesses humanos, indo além do humanismo, da identidade, da individuação e quejandos [...]. (MASLOW, 1968, p. 12).

Em 1969, uma nova definição da associação, mais clara e atual, e seus objetivos foram lançados. Seus organizadores não viam problemas em reformulá-la quando necessário, pois compreendiam essas definições como processos dinâmicos.

Sutich (1978), no entanto, percebeu significativa diferença entre essas duas áreas e isso o levou, juntamente com outros estudiosos envolvidos, a perceber de forma inevitável que um novo campo com características próprias da pesquisa psicológica estava se manifestando. Uma área de pesquisa de âmbito pessoal, mas que vai além dos limites usuais de investigação científica, portanto, uma Psicologia identificada com uma ampla concepção do método científico. Empenhada, fundamentalmente, na Psicologia como uma ciência e interessada em tópicos que ocupam pouco espaço nos sistemas existentes, tais como amor, experiência transcendental, autenticidade, criatividade, espontaneidade e coragem.

Durante uma conferência na First Unitarian Church, em São Francisco, no dia 14 de setembro de 1967, o Dr. Abraham Maslow fez a primeira apresentação pública a respeito da “Quarta Força” no campo da Psicologia e, três dias mais tarde, em um seminário que aconteceu no Esalen Institute Maslow anunciou que lançaria em breve o *Journal of Transhumanistic*.

Estímulo suficiente para que pesquisadores dessa nova abordagem formassem um comitê, tendo como alguns de seus membros Abraham H. Maslow, James Fadiman, Joe K. Adams, Harriet Fransisco, Sidney Jourard, Michel M. Murphy, Miles A. Vich e Anthony J. Sutich. Compartilharam que não estavam satisfeitos com o termo Transhumanístico sugerido por Maslow e que não sentiam que fosse o mais adequado. Como resultado dessa insatisfação, Maslow e Sutich acabaram por aceitar a sugestão dada por Stanislaw Grof adotando o nome de “Psicologia Transpessoal”.

No princípio de (1968), durante uma discussão em que tomaram parte o Dr. Abraham Maslow, Dr. Viktor Frankl, o Dr. Stanislaw Grof e o Dr. James Fadiman, aproveitou-se a insatisfação geral criada com relação à escolha do termo “Trans-humanística” para o título da

revista. O resultado dessa discussão foi a recomendação de que “Transpessoal” seria um título muito melhor para a nova revista. Essa substituição significava um aperfeiçoamento tão obvio que foi imediatamente aceita (WEIL, 1978, p. 27).

Diversas definições foram atribuídas ao longo de sua historia. Consolidou-se como a escola que pesquisa a diluição ilusória da fronteira entre o "eu" e o mundo exterior, em que o que se conhece como pessoa dissocia-se e surge uma vivência que está além da personalidade. O termo "transpessoal" foi referendado pela primeira vez na área da Psicologia, por Carl Gustav Jung, que utilizou as palavras *überperson*, em 1916, e *überpersönlich*, em 1917, que significam respectivamente, suprapessoa e suprapessoal, relata Simões (1997).

O termo transpessoal significa “além do pessoal” ou “além da personalidade” e é empregado pelo motivo dessa abordagem ocupar-se com as capacidades humanas que estão além da esfera do ego. Busca integrar em sua visão todo o potencial humano a ser desenvolvido. Essas capacidades potenciais estão relacionadas à existência de estados superiores de consciência, ainda pouco conhecidos pelas pessoas em geral. Considera que para atingir esses estados é necessário fazer o percurso da autotranscendência, também compreendida pela superação do ego individual. Por isso, termos tais como a superação do ego, além do ego, trans-ego, transpessoal foram sugeridos.

Enquanto presidente do Conselho do Departamento de Psicologia da Bradeis University, Abraham Maslow oficializou, no ano de 1968, esse campo como uma nova abordagem dentro da Psicologia. Em 1969, juntamente com Carl Rogers, Victor Frankl; Antony Sutich; Charlotte Buhler, Stanislav Grof e James Fadiman, Maslow fundou na Califórnia, a Associação de Psicologia Transpessoal, - Association of Transpersonal Psychology (ATP).

Rapidamente, sentiram necessidade de lançar o Journal of Transpersonal Psychology, relata Sutich (1978). Este foi o primeiro editor e diretor até sua morte em 1976, sendo que na primeira edição do referido jornal publicou uma definição sobre o que seria essa nova Psicologia fazendo referência ao seu caráter provisório e sobre a possibilidade de evolução posterior do conceito.

Nesta mesma época, Sutich (1978) referiu-se à Psicologia Transpessoal ou quarta força como título dado em sua publicação do jornal, para referir a nova força

emergente no campo da Psicologia, composta por psicólogos e pesquisadores de outras áreas ávidos pelas chamadas capacidades e potencialidades últimas, do estudo científico empírico e da prática das descobertas importantes de assuntos como metanecessidades no âmbito individual e da espécie, valores últimos e consciência unitiva, experiência de pico, valores, êxtase, experiência mística, respeito e autorrealização, essência, felicidade, milagres, transcendência, sinergia individual e da espécie, espiritualidade e consciência cósmica, sacralização da vida cotidiana, máximo encontro interpessoal, fenômenos alegria cósmica, fenômenos transcendentais, consciência sensorial máxima, responsividade e expressão, experiências e atividades relacionadas.

Sugeri também que os diferentes trabalhos elaborados por Maslow ou aqueles que seguissem os postulados fundamentais da nova abordagem passassem a ser denominados como Orientação Transpessoal.

Com isso, nesse capítulo foi possível traçar uma contextualização histórica, por meio, inclusive, de uma revisão bibliográfica, do surgimento da Psicologia Transpessoal enquanto força da área.

2. A Psicologia Transpessoal

O surgimento da abordagem aconteceu concomitante aos movimentos contraculturais dos anos 60, no qual o uso de drogas psicodélicas foi utilizado por alguns de seus precursores e a ênfase necessária à dimensão “superior da consciência” fez com que fossem geradas interpretações errôneas a respeito dessa nova abordagem, como aponta Vera Saldanha⁴ (2008).

Assim, neste capítulo buscou-se a conceituação de Psicologia Transpessoal, bem como sua trajetória no país, sendo que no momento em que surgem os saberes, a construção de conhecimento e visão de mundo estavam em integração e transição, já que hoje a ciência e o conhecimento humano se encontram em uma nova etapa. Saldanha acrescenta que longe de ser uma teoria concluída, hermética, é ainda uma disciplina extremamente jovem e que, sem dúvida, faz parte das pesquisas de ponta sobre o desenvolvimento da mente humana, com perspectivas extremamente promissoras.

Saldanha (1999) apresenta um resgate do processo histórico da Psicologia ocidental, desde os seus primórdios, quando se separou da Filosofia adquirindo o status de ciência. Para James apud Fadiman (1986), é uma escola que traz em seu arcabouço a perspectiva de liberar os potenciais inimagináveis da mente humana, conclamados por William James no início do século passado.

Todavia, é importante observar o que essas definições não determinam, não excluem o pessoal; não o invalidam; enquadram-no dentro de um contexto mais amplo, o qual reconhece a importância de ambas as experiências pessoais e transpessoais; também não prendem as disciplinas transpessoais a nenhuma filosofia, religião ou visão do mundo específica, nem restringem a pesquisa a um determinado método (WALSH; VAUGHAN, 1997, p. 17).

Pierre Weil foi o maior difusor da nova abordagem no Brasil. Formou-se em Psicologia e pedagogia na Universidade de Lion. Em Genebra (Suíça), estudou no Instituto das Ciências da Educação e, posteriormente, recebeu o título de doutor em Psicologia pela Universidade de Paris VII. Foi aluno de grandes psicólogos e educadores como Leon Walther, Henri Piéron, Wallon, André Rey e Jean Piaget. Teve

⁴ Vera Saldanha é presidente da Associação Luso-Brasileira de Psicologia Transpessoal (ALUBRAT) e Doutora em Psicologia Transpessoal. Tem como referência de seus estudos o livro intitulado "Psicologia Transpessoal: um conhecimento emergente de consciência".

sua formação psicoterapêutica com Igor Caruso, Jacob Levy Moreno, Zerka Moreno e Anne Ancelin Scützemberger.

Viveu no Brasil desde a década de 1950 e foi membro Fundador da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada e Presidente da Sociedade Mineira de Psicologia; Co-Fundador e Vice-Presidente da Associação Transpessoal Internacional e Membro da Diretoria da Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo.

Acabou por conhecer o trabalho desenvolvido no Esalen Institute (Califórnia), onde ele pode viver o que Maslow chamou de “experiências culminantes”. O instituto reuniu na época, grandes líderes do movimento de renovação em Psicologia, tais como Fritz Perls, Bil Schultz, Michael Murphy, Stanislav Grof, Gregory Batson e muitos outros. Em uma de suas viagens ao Esalen, Weil soube da criação desse novo ramo da Psicologia e passou a se envolver com os estudos dessa abordagem. Outros espaços surgiram acompanhando a onda pela renovação da Psicologia e, em 1975, Robert Frager fundou o Institute of Transpersonal Psychology, em Palo Alto, (Califórnia), permanecendo nas últimas três décadas como o mais avançado espaço de estudos em educação, pesquisa e terapia transpessoal.

As primeiras referências específicas sobre Psicologia Transpessoal apresentadas por Pierre Weil estão na segunda edição de seu livro “Psicodrama”, no qual estabelece as diferenças e semelhanças entre Psicodrama e a Psicanálise e evidencia os primeiros conceitos sobre Psicologia Transpessoal, conforme retrata Saldanha (2008).

O autor se refere à Psicologia Transpessoal como o ramo da Psicologia especializada no estudo dos estados de consciência que lida mais especificamente com a “Experiência Cósmica” ou estados ditos “Superiores” ou “Ampliados” da consciência. Descreve que esses estados consistem na entrada numa dimensão fora do espaço-tempo tal como costuma ser percebida pelos cinco sentidos do ser humano. “É uma ampliação da consciência comum com visão direta de uma realidade que se aproxima muito dos conceitos de física moderna” (WEIL, 1999, p. 09).

A Psicologia Transpessoal está a colocar em questão a própria legitimidade da nossa percepção dos cinco sentidos e do nosso racionalismo cartesiano, fruto de automatismos e condicionamentos adquiridos através desses mesmos sentidos. (WEIL, 1982, p.13).

Enfatiza, contudo, que essa Psicologia não deve ser compreendida como um modelo de Psicologia da personalidade, já que a personalidade é tida apenas como um dos aspectos da natureza psicológica. Considera, antes de tudo, uma ferramenta de pesquisa para uma possível compreensão a respeito de nossa natureza mais essencial. Concretiza-se como a Escola de Psicologia que busca pesquisar em um nível científico a questão da espiritualidade, embora fristem os autores, que a Psicologia Transpessoal não deve ser vista como religião ou para Psicologia, apesar de se interessar e investigar quando necessário estes aspectos e estados da mente humana.

Psicologia Transpessoal (ou quarta força) é o título dado a uma força emergente no campo da Psicologia, representada por um grupo de psicólogos e profissionais de outras áreas, de ambos os sexos, que estão interessados naquelas capacidades e potencialidades últimas que não possuem um lugar sistemático na teoria positivista ou behaviorista (Primeira Força), na teoria psicanalítica clássica (Segunda Força), ou na Psicologia Humanística (Terceira Força). (WEIL, 1978, p. 29).

Especifica distintas áreas de aplicação. Com isso, por Educação Transpessoal compreende-se o conjunto dos métodos que permitem descobrir ou revelar o transpessoal dentro do ser humano, por Psicoterapia Transpessoal entende-se o conjunto de métodos de tratamento das neuroses pelo despertar do transpessoal e das psicoses pela exteriorização do transpessoal semipotencializado, enquanto que por Terapia Transpessoal designa-se o conjunto de métodos de restabelecimento da saúde pela progressiva redução da ilusão da existência de um “eu” separado do mundo.

Weil reafirma que a Educação Transpessoal diz respeito a todas as pessoas e uma formação nessa área tem dois estágios, sendo o primeiro a sensibilização à dimensão transpessoal e o segundo o engajamento em um caminho e descoberta de um mestre. “Considerando que provavelmente não exista um caminho cientificamente preparado para tanto”, acrescenta que “Talvez a pesquisa em Psicologia Transpessoal possa reverter o quadro”. (WEIL, 1995, p. 58).

Em entrevista para o Espaço Cidadania/Methodista, em 2010, o Prof. Dr. Elydio dos Santos Neto elucida a discussão quando:

[...] refere-se à Educação Transpessoal como uma proposta educacional preocupada em educar na e para a ‘inteireza’ do ser humano, isto é, preocupada em educar não apenas os aspectos racionais do ser humano, mas também outros aspectos que integram nossa condição humana, de modo especial, os aspectos relativos ao corpo, às emoções e à espiritualidade. Pode-se então, compreender

educação transpessoal como o conjunto dos métodos que permitem descobrir ou revelar o transpessoal dentro do ser humano. Fonte: Disponível em: <<http://www.metodista.br/cidadania/numero-34/por-uma-educacao-transpessoal>>. Acesso em: 02/01/2011.

No livro "Além do Ego", de Frances Vaughan e Roger N. Walsh (1997), no capítulo intitulado "Comparação entre Psicoterapias", fizeram referência à Psicologia Transpessoal como o estudo psicológico das experiências transpessoais e seus correlatos compreendidos como natureza, variedade e causas e efeitos. Outros teóricos de credibilidade na comunidade científica também trouxeram contribuições relevantes sobre a Psicologia Transpessoal.

Ken Wilber (2001), por exemplo, traz o aspecto da complementariedade sobre pontos de vistas diferentes. Acredita que a posição da Transpessoal seria mais bem descrita como aquela que integra o que ele chama de “três olhos do conhecimento”, pois contempla o sensorial, introspectivo-racional e contemplativo, tornando-a diferente de outras disciplinas que se definem por alguns desses aspectos, ignorando outros.

Já Stanislaw Grof (1988), fez referencia sobre os diferentes níveis de consciência. Para ele o insight metafísico mais fundamental que se obteve foi a percepção de que o universo não é um sistema autônomo que evoluiu como resultado da interação mecânica de partículas de matéria. Acredita ser impossível levar a sério a premissa básica da ciência materialista de que a história do universo é apenas a história da evolução da matéria. O autor acredita que o ser humano experimenta de maneira direta dimensões divinas, sagradas ou numinosas da existência de uma forma muito profunda e irrecusável.

Para Weil (1990), a Psicologia Transpessoal como uma ciência holística que busca transcender os aspectos pessoais do ser, eleva-o a uma condição totalmente espiritual. Baseia-se na física moderna subatômica, cujo modelo quantum-relativístico busca apresentar um ponto de vista integrado da teoria de quantum e relatividade, onde o Universo todo (matéria/energia) é uma entidade dinâmica em constante mudança num todo indivisível.

Por ciências holísticas compreende-se o diálogo e interconexão entre as próprias disciplinas científicas modernas e compreendem o universo, o cosmo e a consciência sob a perspectiva de um olhar sistêmico, na descrição de Biasi e Rocha (2005).

A interconexão dessas disciplinas científicas com outras formas de saberes antigos e modernos, do oriente e do ocidente, como as tradições espirituais, a mitologia, as artes e a filosofia, tal como preconizado na Declaração de Veneza⁵ da Unesco, constelam com a fundamentação científica, a nosso ver, a nova cosmovisão denominada abordagem ou paradigma holístico, geradora de novas perspectivas científicas, filosóficas, espirituais e artísticas. Esta nova interação transdisciplinar e holística das ciências modernas e da sabedoria antiga revela uma conexão cósmica entre o ser humano e o universo que nos conduz a uma Ética de Reverência pela vida e a uma consciência planetária, capaz de gerar uma atitude natural de preservação da vida e de construção de uma Cultura de Paz (BIASE; ROCHA, 2005, p. 39).

⁵ Declaração de Veneza - Os participantes do colóquio "A Ciência Diante das Fronteiras do Conhecimento", organizado pela UNESCO, com a colaboração da Fundação Giorgio Cini (Veneza, 3 a 7 de março de 1986), animados por um espírito de abertura e de questionamento dos valores de nosso tempo, ficaram de acordo sobre os seguintes pontos: Somos testemunhas de uma revolução muito importante no domínio da ciência, provocada pela ciência fundamental (em particular a física e a biologia), devido a transformação que ela traz à lógica, à epistemologia e também, por meio das aplicações tecnológicas, à vida de todos os dias. Mas, constatamos, ao mesmo tempo, a existência de uma importante defasagem entre a nova visão do mundo que emerge do estudo dos sistemas naturais e os valores que ainda predominam nas filosofias, nas ciências do homem e na vida da sociedade moderna. Pois estes valores baseiam-se em grande parte no determinismo mecanicista, no positivismo ou no niilismo. Sentimos esta defasagem como fortemente nociva e portadora de grandes ameaças de destruição de nossa espécie. O conhecimento científico, devido a seu próprio movimento interno, chegou aos limites em que pode começar o diálogo com outras formas de conhecimento. Neste sentido, reconhecendo as diferenças fundamentais entre a ciência e a tradição, constatamos não sua oposição, mas sua complementaridade. O encontro inesperado e enriquecedor entre a ciência e as diferentes tradições do mundo permite pensar no aparecimento de uma nova visão da humanidade, até mesmo num novo racionalismo, que poderia levar a uma nova perspectiva metafísica. Recusando qualquer projeto globalizante, qualquer sistema fechado de pensamento, qualquer nova utopia, reconhecemos ao mesmo tempo a urgência de uma procura verdadeiramente transdisciplinar, de uma troca dinâmica entre as ciências "exatas, as ciências "humanas", a arte e a tradição. Pode-se dizer que este enfoque transdisciplinar está inscrito em nosso próprio cérebro, pela interação dinâmica entre seus dois hemisférios. O estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem, poderia assim nos aproximar mais do real e nos permitir enfrentar melhor os diferentes desafios de nossa época. O ensino convencional da ciência, por uma apresentação linear dos conhecimentos, dissimula a ruptura entre a ciência contemporânea e as visões anteriores do mundo. Reconhecemos a urgência da busca de novos métodos de educação que levem em conta os avanços da ciência, que agora se harmonizam com as grandes tradições culturais, cuja preservação e estudo aprofundado parecem fundamentais. A UNESCO seria a organização apropriada para promover tais ideias. Os desafios de nossa época: o desafio da autodestruição de nossa espécie, o desafio da informática, o desafio da genética, etc., mostram de uma maneira nova a responsabilidade social dos cientistas no que diz respeito à iniciativa e à aplicação da pesquisa. Se os cientistas não podem decidir sobre a aplicação da pesquisa, se não podem decidir sobre a aplicação de suas próprias descobertas, eles não devem assistir passivamente à aplicação cega destas descobertas. Em nossa opinião, a ampliação dos desafios contemporâneos exige, por um lado, a informação rigorosa e permanente da opinião pública e, por outro lado, a criação de organismos de orientação e até de decisão de natureza pluri e transdisciplinar. Expressamos a esperança que a UNESCO dê prosseguimento a esta iniciativa, estimulando uma reflexão dirigida para a universalidade e transdisciplinaridade. Agradecemos a UNESCO que tomou a iniciativa de organizar este encontro, de acordo com sua vocação de universalidade. Agradecemos também a Fundação Giorgio Cini por ter oferecido este local privilegiado para a realização deste fórum. Fonte: Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org>>. Acesso em: 10/07/2011.

Marcia Tabone (1984), psicóloga e pesquisadora brasileira da Psicologia Junguiana e Transpessoal, descreve que os conceitos desta abordagem estão fundamentados na visão holística da realidade e correspondem às necessidades culturais e científicas do novo paradigma que compreende o homem como sistema ou totalidade, cuja estrutura específica emerge da interação dos níveis da consciência física, emocional, mental, existencial e espiritual, interligados e interdependentes.

É uma concepção que busca substituir o modelo de homem fragmentado e reducionista, baseado na orientação mecanicista do paradigma newtoniano/cartesiano. Trata-se da ideia de que as propriedades de um sistema não podem ser explicadas apenas pela soma dos seus componentes, pois a partir desta ótica, o próprio sistema como um todo pode determinar como se comportam as partes.

Queremos deixar bem claro que a Psicologia transpessoal continua seguindo o seu próprio caminho, tendo uma importância primordial no domínio das ciências. Foi ela que abriu, em grande parte, as portas para uma visão e uma abordagem holística no campo geral do conhecimento, a qual inclui o enfoque pessoal relativo e o enfoque transpessoal e absoluto (WEIL, 1990, p. 04).

Em seu livro, “Holística: Uma nova visão e abordagem do real”, Weil (1990) salienta que a palavra holística não é encontrada em nenhum dicionário francês, embora seja possível encontrar o termo “holismo” em alguns dicionários de filosofia. Smuts, filósofo sul-africano, em 1926 escreveu e publicou um livro que fora intitulado como “Holism and Evolution”, tornando-se o criador do termo. É considerado como o primeiro autor a empregar a palavra “holística”, além do termo “holismo”, que se refere à força unia vital responsável pela formação de gestalts. Dir-se-ia hoje, essa mesma força seria a formadora dos átomos e moléculas, no plano físico, da célula, no plano biológico, das ideias, no plano psicológico e da personalidade e no plano espiritual; o próprio universo seria um conjunto em constante formação, descreve Weil (1987).

Acredita-se hoje que essa mesma força seria a formadora dos átomos e moléculas no plano físico, celular, biológico, psicológico e das ideias, da personalidade e no plano espiritual. O próprio universo seria um conjunto em constante formação, acrescenta Weil. Tempos depois de o termo ter sido cunhado por Smuts é que alguns autores da Psicologia Transpessoal passaram a se lembrar de incorporar o termo. Ken

Wilber em seu livro “Up from Eden: A Transpersonal View of Human Evolution” é um dos exemplos.

Holística vem do grego holos, que significa “todo”, “inteiro”. Holística é, portanto, um adjetivo que se refere ao conjunto, ao “todo”, em suas relações com suas “partes”, à inteireza do mundo e dos seres. Parece-nos conveniente estabelecer uma clara distinção entre vários substantivos de que esse termo é o adjetivo qualificativo, ou seja, a visão ou perspectiva holística, a abordagem holística, o movimento holístico e a experiência holística. (WEIL, 1990, p. 07).

Weil ressalta ainda a evidenciação do holograma e da constatação de suas propriedades, na qual todas as partes são compostas para que a imagem seja revelada em seu conjunto. Por ter seus princípios explorados na neurologia do cientista Karl Pribram e do físico David Bohm, o uso do termo e de outros equivalentes como globalidade, plenitude, “wholeness” ou inteireza, “holyness” e santidade teve considerável aumento, relata o autor. Aponta, também, a descoberta da teoria holonômica do universo, por David Bohm, e na tendência holotrópica de uma pessoa, por Stanislav.

Refere-se à visão newtoniano-cartesiana como sendo a de um universo fragmentado, marca do paradigma substancialista e mecanicista e traz a perspectiva de que o novo paradigma amparado pela visão holística, na qual “o todo” e cada uma de suas sinergias estão conectados em interações permanentes e paradoxais, sendo esta definição validada e incorporada nos estatutos da Universidade Holística Internacional de Paris, em 1986.

Cita também Thomas S. Kuhn em seu livro “A estrutura das revoluções científicas”, o qual traz um modelo que caracteriza os modos de pensamento, hábitos, valores e comportamentos dos cientistas numa época determinada; que toda a revolução científica se traduz, portanto, por uma mudança de paradigma. Este novo ponto de vista evidencia em sua perspectiva, que cada evento de um campo reflete e contém todas as dimensões do campo.

Kuhn nasceu nos Estados Unidos, formou-se em física pela Universidade de Harvard, onde também recebeu o grau de Mestre e de Doutor na área de Física. Segundo ele, “[...] um paradigma é uma espécie de “super teoria”, uma formulação teórica composta de dados importantes e amplos de tal maneira que ele organiza a maioria ou todos os fenômenos conhecidos de seu tempo” (WEIL, 1978, p. 41).

Um paradigma não é totalmente fechado, pois há nele muitos problemas para serem solucionados. É uma aquisição intelectual e científica, subjacente à ciência normal. Inicialmente, todos eles são apresentados como teorias estando deste modo sujeitos à exigência de fazer previsões verificáveis empiricamente. Por ser extremamente bem sucedido em suas previsões, um paradigma torna-se uma estrutura abrangente que organiza os dados conhecidos e guia o cientista na sua investigação do desconhecido.

Entretanto, por causa de seu sucesso excepcional, os paradigmas resistem a mudanças o que em princípio não acontece a uma teoria científica comum [...] torna-se uma estrutura implícita para a maioria dos cientistas que trabalham dentro de seus limites, ou seja, ele se torna um modo “natural” de ver as coisas e de fazê-las, superior a uma teoria sustentada a título de ensaio e que sempre corre o risco de ser testada mais uma vez. Não ocorre seriamente a seus seguidores questioná-lo daí por diante (até que os efeitos de uma revolução científica sejam sentidos) (WEIL, 1978, p. 42).

Kuhn considera que um paradigma possui vantagens e desvantagens. De um lado, ele serve para concentrar a atenção dos pesquisadores em áreas de problemas “úteis” e “sensatos”, evitando assim que percam seu tempo no que poderiam ser problemas triviais. Por outro lado, pelo fato de definir implicitamente algumas áreas de pesquisa como triviais ou impossíveis o paradigma funciona como uma viseira. A concepção de Kuhn a respeito da relevância dos paradigmas na ciência é uma forma de levar o elemento humano ao empenho científico. “A imagem estereotipada do cientista é aquela de uma máquina calculadora fria e sem emoções, que está constantemente recomputando todos os seus dados, sempre alerta para a menor discrepância”. (WEIL, 1978, p. 43).

Quando dados que não fazem sentido, em termos do paradigma, são trazidos à sua atenção, normalmente o desfecho mais comum é a rejeição ou distorção dos dados ao invés de uma reavaliação do paradigma. Para aqueles que partilham do paradigma, essa recusa parece natural, mas para os que estão comprometidos com um paradigma diferente parece irracional ou racionalizante.

O artigo de Price, “Science and the supernatural”, de 1952, referente a dados que supostamente demonstravam a existência de percepção extra-sensorial, nos oferece um exemplo disso. Em essência, seu artigo afirmava que nenhum homem inteligente poderia ler as evidências da percepção extra-sensorial e duvidar de sua existência; mas,

como se sabe que a percepção extra-sensorial é impossível dentro desta perspectiva, deve-se concluir que toda a evidência se devia à fraude e ao erro, ressalva WEIL (1978).

Portanto, são impossíveis certos tipos de resultados dentro de uma estrutura paradigmática, e caso haja a reivindicação da descoberta de tais resultados, deve haver alguma coisa errada com a descoberta ou com quem a reivindica. (WEIL, 1978, p. 44).

Retomando o livro “A estrutura das revoluções científicas” de Thomas S. Kuhn, é possível apreender um modelo que caracteriza os modos de pensamento, hábitos, valores e comportamentos dos cientistas numa época determinada; toda a Revolução Científica se traduz, portanto, por uma mudança de paradigma. Considerava ser a Revolução Científica, uma revolução de mudanças de paradigmas e de transformação dos princípios organizadores do conhecimento. Como acentuado por Kuhn (1989), problemas não resolvidos por paradigmas vigentes geram a necessidade e a eclosão de novos paradigmas.

Chama a atenção à semelhança entre um paradigma e um estado de consciência, já que ambos se caracterizam por um conjunto complexo de inter-relações de regras e teorias que tem como objetivo interagir e interpretar experiências dentro de um determinado contexto, pois nos dois casos as regras e teorias tornaram-se implícitas. “Elas não são reconhecidas como hipóteses de trabalho experimentais e sim operam automaticamente e a pessoa sente que está fazendo a coisa certa, óbvia ou natural” (WEIL, 1978, p. 43).

Nesse ponto desvela-se um choque diante do que Thomas Kuhn chamou de “Paradigmas”. Tart (1975) emite a tese de que a ciência clássica fundou seu “paradigma” sobre o que é chamado de Estado Normal da Consciência (Soc). Se for comprovado, como o está sendo pela Psicologia Transpessoal e anteriormente pelas escolas esotéricas, que existem outros níveis de consciência, vistos dentro do primeiro paradigma como “Alterados” (ASC), então será necessário admitir outros paradigmas, chegando ao que Tart chamou de CEE ou Ciências de Estados Específicos “[...]. Assim existem atualmente duas maneiras de se aproximar da realidade: a científica e a que Tart chamou de ASC ou Altered States of Consciousness”. (WEIL, 1982, p. 29,32).

D’Ambrosio (2007) propõe em outro de seus artigos “Universidade, transdisciplinaridade e experiência humana”, que haja a busca do “[...] status total de ser

humano, já que vivemos num “universo bidimensional, o aqui-e-agora” e necessitamos dar “um passo adiante, na direção da sabedoria total, [que] pode fazer-nos alcançar outra dimensão””. A espécie humana deu esse passo, que a diferenciou de todas as demais espécies vivas, e ele corresponde a um movimento rumo à outra dimensão.

Não podemos alcançar o passado nem o futuro, mas o ser humano é constantemente dirigido para eles. Tanto um quanto o outro, como comportamentos, ultrapassam a realidade e estão fora da bidimensionalidade do real. Penetrar nessa nova dimensão corresponde à consecução da espiritualidade: é alcançar o carma, a ultrapassagem da materialidade. O impulso que leva a ela é a essência da vontade. Assim, o homem só atinge a sua plenitude – só alcança a humanidade e toma posse de seu self – quando essa realidade tridimensional é realçada.

Os conceitos e parâmetros da transdisciplinaridade estão contidas na Carta de Arrábida e da Unesco, ressaltando sua relação com a abordagem holística, assim como com a escala de frequências vibratórias, essência do Universo. Esta Carta foi o ponto inicial da Transdisciplinaridade e foi adotada no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, realizado no Convento de Arrábida, Portugal, em novembro de 1994. A compreensão da dimensão espiritual, reclamada pela Unesco, é parte inseparável da Transdisciplinaridade. É uma nova abordagem científica, cultural, espiritual e social, como ressalta Nicolescu (1970).

Weil (1994) sustenta que a abordagem transdisciplinar holística permite a conscientização das pessoas para os novos paradigmas emergentes na sociedade, em diversas áreas do saber humano para prepararem-se e tornarem-se líderes de uma nova consciência. Uma abordagem epistemológica que não concede nenhum tempo ou espaço como correto por excelência.

A ciência tem mudado seus paradigmas em vários campos e áreas de conhecimento e isso passa pela Psicologia, assim como também pelas Ciências da Religião. Muitos autores que se referem a essa nova ciência falam de uma aproximação entre ciência e espiritualidade e as Ciências da Religião não poderiam deixar de olhar ou refletir sobre tais questionamentos que, neste caso, são oriundos da Psicologia Transpessoal.

Weil (1982) enfatiza que a bibliografia da época já apontava uma intensa pesquisa do tema correndo o mundo. Ela vem ao encontro das lacunas do método científico clássico que praticamente varreram a subjetividade do seu campo. Como é impossível calar o inato do indivíduo, o amadurecimento de nossa época por ocasião, a flexibilização da sociedade perante a ortodoxia, demonstra a necessidade de respostas criativas ante os mesmos problemas. Para Grof (2007) um paradigma pode ser definido como uma constelação de crenças, valores e técnicas compartilhados pelos membros de uma determinada comunidade científica.

Um dos grandes pensadores do século XX, Carl Gustav Jung, suíço, psiquiatra e psicoterapeuta e fundador da Psicologia Analítica. Passou a acreditar que o método analítico era insuficiente e começou a defender o método sintético fundamentado pelo pensamento sistêmico como um processo natural de unificação de todos os processos psicológicos. Esse pensamento também foi adotado por outros grandes pensadores como Frederick Perls, o criador da abordagem gestáltica e Viktor Frankl, precursor da Logoterapia.

Alguns autores da abordagem se apoiam metaforicamente no holograma para ilustrar aquilo de que falam, declarando, portanto, que o universo não é um holograma, mas que ele se comporta tal como se fosse um holograma.

Por não ter um lugar definido, a visão holística, num certo sentido, pode ser tida como uma visão utópica, ou seja, como exprime a etimologia do termo grego utopeia, que significa “sem lugar”. (WEIL, 1990, p. 09).

Weil considera a experiência holística como o resultado da abordagem holística do real, particularmente da holopraxis, que consiste em ultrapassar toda a dualidade, mediante uma vivência holística que integra e transcende a dualidade entre pessoal e transpessoal, e entre o mundo relativo e o absoluto.

E funde numa atitude de profunda compreensão e de presença em todos os atos da vida cotidiana, numa disponibilidade e abertura irrestritas em relação a toda criatura, num amor equânime e incondicional. Percebe o termo como aquele que torna possível a sintetização numa única palavra aquilo que diferentes culturas tradicionais exprimiram com diversas expressões: samádi, nirvana, satori, Reino do Pai ou dos Céus, devekuth, fana, e, mais recentemente, “experiência mística”, “êxtase”, “consciência cósmica”, “experiência transcendental” ou “experiência transpessoal”. Ela é o

desfecho de uma atitude holística para com a existência, resumida por tudo aquilo que acabamos de descrever. (WEIL, 1999, p. 13).

O autor acredita que a grande dificuldade de acolhimento desta concepção está no patamar que Stanislav Grof intitulou de “valores hilotrópicos” e que Abraham Maslow chamou de valores “D”, que aludem o apego ao materialismo amparado pela ilusão da dualidade e que são evidenciados sob a forma de concordância social. Evidencia, ainda, que a maioria da sociedade ampara-se na crença da efetividade de um eu sólido e substancial e de um mundo exterior repleto de objetos identicamente sólidos semeados desde a infância, ou até mesmo antes, e que reforça a crença da relação separatista sujeito-objeto.

Por este viés a abordagem holística da realidade é compreendida como estando fundamentada na holologia e na holopraxis. A holologia consiste na teoria da experimentação do modelo holístico, consoante a critérios científicos rigorosos. A holopraxis consiste num conjunto de métodos experienciais que conduzem à vivência holística.

Segundo a holologia estão em curso pesquisas de extrema importância, como as de Maslow sobre os valores do Ser (Being values), que constituem, sem dúvida, a motivação mais forte, o metamotivo do comportamento espiritual da humanidade: o amor, a sabedoria, a plenitude, a verdade, a liberdade, a igualdade, a justiça, entre outros.

Essa corrente, segundo seus autores, não se trata de uma nova corrente filosófica, religiosa ou ainda uma nova ciência se opondo à antiga. Holística é a cena onde as correntes já existentes podem encontrar-se na busca de soluções criativas para os problemas específicos da nossa época levando em conta a experiência do passado. Consiste em lançar pontes sobre todas as fronteiras mesmo sabendo que não há fronteiras no espaço

Demos o nome de holopraxis ao conjunto dessas práticas de abordagem holística direta do real. Temos, portanto, para resumir, dois tipos de abordagens holísticas: a holologia, que leva a um conhecimento intelectual e experimental, a qual constitui a tendência científica da abordagem holística; a holopraxis, por sua vez, leva a uma vivência direta do real - é a tendência tradicional e experiencial dessa abordagem. (WEIL, 1990, p. 11).

A abordagem holística implica uma sinergia entre a holologia e a holopráxis, inseparáveis, como as duas asas do pássaro para que este voe, ou como os dois hemisférios cerebrais para conhecer e criar. No que se refere à holopráxis, desejamos destacar uma forma mais geral e mais superficial, se bem que necessária, de prática holística, na qual se acham engajadas milhões de pessoas. Trata-se do movimento holístico. O movimento holístico. Aquilo que chamamos de “fantasma da separatividade” é o fato de se criarem fronteiras em todas as regiões do espaço, as quais jamais existiram senão no espírito onde nascem e onde se mantêm alimentadas por diferentes consensos. Essas divisões artificiais e ilusórias engendram toda a espécie de conflitos e sofrimentos e levam, no plano individual, à tensão e à moléstia, e, no plano coletivo, à agressão e à guerra. O movimento holístico é uma resposta à separatividade criada pelas fronteiras; essa reação é mais ou menos consciente, lúcida e organizada, segundo o caso (WEIL, 1990, p. 11).

Em relação ao aspecto da holopráxis, é evidenciado por ele a dedicação e persistência da ONU a favor de um governo mundial, dos movimentos pacifistas e de não violência, da multiplicação de equipes interdisciplinares e o evento de uma transdisciplinaridade.

Em cooperação com a Fondazione Giorgi Cini, a UNESCO promoveu em Veneza, Itália, de 3 a 7 de março de 1986, um Simpósio sobre "Ciência e as fronteiras do conhecimento: prólogo do nosso passado cultural". O Simpósio, que reuniu 19 participantes de todas as partes do mundo e de distintas especialidades, culminou com um documento que sintetiza as discussões havidas e que passou a ser conhecido como a Declaração de Veneza. Disponível em: <<http://unipazsul.org.br/unipazsul/41/declaracao-unesco-1986.html>>. Acesso em: 05/07/2013.

Comunicado final do Colóquio "A Ciência diante das Fronteiras do Conhecimento", da UNESCO, como sendo o último apelo à humanidade, em prol do reconhecimento de que a ciência já chegou aos confins sendo necessário que se encontre a chamada abordagem holística.

O holístico foi descrito como sendo o lugar de confluência no qual tudo o que a fantasia da superatividade dividiu de maneira artificial volta a se encontrar, pontua por Weil (1999). No aspecto individual cita a perspectiva de Carl Gustav Jung a respeito da psique, em que a mesma é fragmentada em quatro funções especificadas como sensação, sentimento, razão e intuição e que se projetaram no plano epistemológico instaurando quatro diferenças basilares que acabaram por estruturar o conhecimento. Já a epistemologia que compunha a tradição acabou sendo separada em quatro panes do

conhecimento moderno, a arte, a religião, a ciência e a filosofia e que são concebidas na simbologia ocidental como sendo os quatro lados da pirâmide.

À vista disso, Weil (1999) aponta como função primordial do prisma holístico a congregação dessas funções psicológicas no plano individual por intermédio das terapias ocidentais e orientais, e também a agregação das quatro panes do conhecimento por meio da transdisciplinaridade tal como é alvitrada pela Declaração de Veneza da Unesco e definida por Basarab Nicolescu, Físico teórico romeno, um dos principais cientistas contemporâneos.

Assim, podemos considerar como abordagem holística tudo o que tende a lançar pontes entre as fronteiras criadas no espírito do homem pela sua própria mente, deformada por um excesso de desenvolvimento do racionalismo e da razão, em detrimento das três outras funções, excesso que nos levou a um reducionismo científico, o qual vem dominando progressivamente a filosofia, a arte e mesmo a religião. No que toca à transdisciplinaridade, propomos um primeiro modelo simples para inter-relacionar a arte, a religião, a ciência e a filosofia. Este modelo tem sido de muita utilidade para situar pesquisas e ensinamentos na Universidade Holística Internacional de Brasília. (NICOLESCU apud WEIL, 1999, p. 24).

Nos últimos quatro séculos, como pontuado por Crema; Weil; D'Ambrosio (1994), a sociedade se envolveu na frenética tarefa de especialização da mente. Esta fragmentação aconteceu primeiramente para efetuar a necessária função histórico-cultural, no entanto, posteriormente, continuava a acontecer pelo condicionamento dissociativo. Descreviam como estando esclerosados em uma só polaridade e ressaltaram: “Ser especialista tornou-se fado e fardo cultural. Unilateralidade de visão adquiriu status: desconectados de uma visão global, tornamo-nos sofisticados prisioneiros das frações”. (CREMA; WEIL; D'AMBROSIO, 1994, p.138).

Weil (1999) considera que a ligação de uma teoria unificada das diferentes formas de energia (física, biológica e psicológica) com os grandes níveis dos problemas referentes ao homem, à sociedade e à natureza, permite a identificação e classificação com os principais empecilhos conhecidos, que impedem, de forma relativamente intensa, o acesso à visão holística do real.

Talvez seja por isso que Pierre Weil correlacione a Psicologia Transpessoal com a transdisciplinaridade que é para ele, onde ocorre o encontro de várias disciplinas do conhecimento em torno de uma

temática comum. A transdisciplinaridade transforma a arrogância do saber na humildade da busca. (SILVA, 2004, p. 66).

A transdisciplinaridade pode ser inferida como uma postura, uma atitude de abertura ao diálogo, troca de pensamentos, opiniões, emoções e sentimentos, ao compartilhamento de ideias, pois segundo Nicolescu (2002) ela tem como base a complexidade, a lógica primária e a multidimensionalidade do mundo.

Acrescenta ainda que a transdisciplinaridade surgiu para acabar com a fraqueza desses elos, veio para acabar com os limites entre as disciplinas por transpassá-las, de modo a fazê-las axiomáticamente dependentes entre si. Mais do que isso, a educação passa a partir deste ponto, a buscar a compreensão do significado da vida, pois já não há, sob a ótica transdisciplinar, barreiras entre Ciência, Filosofia, Arte e Tradição Espiritual.

A multidisciplinaridade, descreve Weil (1993), é a justaposição de várias disciplinas sem nenhuma tentativa de síntese. A falta de comunhão entre elas foi grande estopim para a necessidade de ligar as disciplinas entre si para que fossem melhor compreendidas. O conhecimento limitado foi perdendo o falso sentido quando a humanidade descobriu que, de fato, ele é infinito e que a multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade são produtos da fragmentação da mente humana.

O termo transversalidade foi, ultimamente, usado no vocabulário dos educadores espanhóis e latino-americanos e, no Brasil, aparece nos Planos Curriculares Nacionais do MEC, nos quais só os temas ético-humanistas são chamados de transversais. O conceito de transversalidade, segundo Wolfgang Welsch, é um modo de reflexão-ação que implica uma razão transversal, seguindo uma racionalidade-em-trânsito. Conforme propõe, a razão é capaz de desconstruir e reconstruir a relação entre temáticas desconexas e conexas (WELSCH apud KROHLING, 2007, p.201).

O modelo a seguir foi desenvolvido em 1980, por Erich Jantsch, inspirado pela sua preocupação no que tange a fragmentação do saber, descreve Weil (1994). Para Jantsch (1972), o conceito de transdisciplinaridade refere-se ao reconhecimento da interdependência de todos os aspectos do saber e da realidade, sendo a síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade bem-sucedida e de uma axiomática comum.

Figura 2 - Modelo de Jantsch

Transdisciplinaridade - Modelo de Jantsch

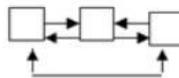
MULTIDISCIPLINARIDADE

Sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; nenhuma cooperação.



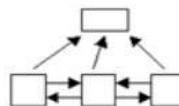
PLURIDISCIPLINARIDADE

Sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; cooperação mas sem coordenação



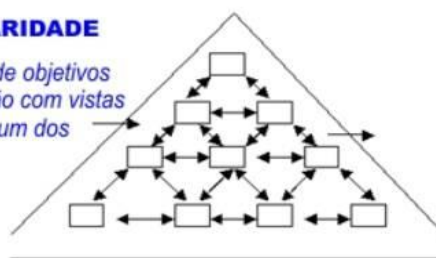
INTERDISCIPLINARIDADE

Sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos; cooperação procedendo de nível superior.



TRANSDISCIPLINARIDADE

Sistema de níveis e de objetivos múltiplos; coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas.



Fonte: Disponível em: < <http://www.sociologia.org.br/tex/ap40.htm> >. Acesso em 25/03/2013.

Historicamente, a transdisciplinaridade está ligada à revolução epistemológica desencadeada pela física, no começo do século XX. Este vocábulo transdisciplinaridade foi enunciado pela primeira por Jean Piaget, em um colóquio de 1970, quando deu continuidade ao estudo interdisciplinar a partir de um método mais completo que seria a transdisciplinaridade e foi, juntamente, com a palavra “holística” que o termo se tornou conhecido. Contudo a transdisciplinaridade não é um visão tão nova quando aparenta: “[...] o desenvolvimento da ciência ocidental, desde o século XVII, não foi somente um desenvolvimento disciplinar, mas também um desenvolvimento transdisciplinar [...]” (WEIL, 1993, p.32).

Contudo, a transdisciplinaridade foi repensada recentemente, conta-nos Weil (1993). Ao invés de existir uma única transdisciplinaridade foi concebida a ideia de transdisciplinaridades ou uma transdisciplinaridade geral. Foi tentando fugir de um novo reducionismo que se buscou a saída sugerida por Edgard Morin (2007), antropólogo, sociólogo e filósofo francês de uma nova transdisciplinaridade com um paradigma que permite ao mesmo tempo a distinção, separação ou mesmo a oposição, isto é, a disjunção desses domínios científicos, embora possa fazê-los comunicar sem

operar a redução. Considera que essa ideia de separação e associação simultâneas exclui a possibilidade de restringir o conhecimento.

Em 1987, a UNESCO definiu o que o autor chama de “transdisciplinaridade geral” e, em Revista Graduando, de 1994, no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, os paradigmas para que algo seja transdisciplinar foram enumerados em conjunto com vários precursores da ideia transdisciplinar, afirmando a necessidade de não reducionismo do saber.

Weil (1993) acrescenta que, se uma transdisciplinaridade for desenvolvida de forma unilateral, corre o risco de ficar restrita ao racional, intelectual e mental. Assim como na “Carta da Transdisciplinaridade”, elaborada no Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, busca ainda, trazer o transdisciplinar para todas as áreas da vida humana, incluindo a parte espiritual e, conseqüentemente, chegando à visão holística, que defende a compressão integral dos fenômenos e do ser humano, buscando tudo abranger.

Morin (2007, p.28) faz ressalvas quanto ao pensamento transdisciplinar, pois, de acordo com ele, “[...] há um risco, o risco da tagarelice superficial”. Quando no foco Transdisciplinar excluem-se as partes e concentram-se apenas no estudo de um “todo” não levando em consideração o fato de que, para que a existência desse “todo”, seus pedaços são igualmente importantes, o discurso é tão superficial quanto a criticada particularização do conhecimento em especialidades vagas.

Quando o discurso segue por este caminho, a transdisciplinaridade acaba aludindo um totalitarismo e implicando em uma redução do conhecimento a tudo que é total, porém superficial. É por isso que o autor propõe que, dentro do pensamento transdisciplinar, separar para associar é imprescindível. Aponta que “[...] se em contrapartida não nos aventurarmos nessa complexidade de pensamento, o risco é de nos fecharmos em um modo hermético de um saber, que poderia ser útil a todos nós”. (MORIN, 2007, p. 28).

É exatamente Edgard Morin o grande defensor de uma revisão total no campo de todas as ciências e o criador da teoria da complexidade, que tem muitas relações com a ideia de transdisciplinaridade que ele defendeu. (KROHLING, 2007, p.203).

A visão holística é apresentada como uma forma de perceber e apreender o mundo, uma postura diante dele e, que, por essa característica de interação entre os diferentes saberes por meio da transdisciplinaridade possa ser possível o intercâmbio entre ciência, arte, filosofia e tradições espirituais. Parece tratar-se de experienciar o mundo mediante o surgimento de uma rede composta de todos os fios de complexidade da realidade que dialogam com o rigor e a tolerância.

Sua práxis, portanto, sustenta-se em uma visão holística e aberta de mundo na qual é possível abarcar os contrários, os contraditórios e a complexidade humana.

Smuts intitula esta visão de transdisciplinaridade de holística. Entre 1970 e 1990, os dois termos, transdisciplinaridade e holística, se aproximam e são praticamente usados como sinônimos por muitos autores. Mas, detalhadamente holística vem do grego *holos* e significa [...] o todo se encontra em todas as partes. (WEIL et al., 1994, p. 39).

Importante citar a perspectiva de Mário Simões, no prefácio do livro de Saldanha (2008), sobre o conceito de transdisciplinaridade.

Hoje considera-se como um dado adquirido que o Universo (mesmo o pessoal e próximo) se assemelha a uma “sopa cósmica”, na qual um simples “toque com uma colher” é capaz de influenciar, mesmo pouco que seja, a posição de um “legume” no outro extremo do prato. Trata-se afinal do conhecido “efeito borboleta”. Neste sentido a autora chama a atenção para os “novos” conceitos de transdisciplinaridade, que ultrapassam de longe os clássicos de disciplina com conhecimentos específicos, de interdisciplinaridade, com contacto entre elas e algum diálogo. A transdisciplinaridade é uma abrangência de linguagem e conhecimentos numa fronteira porosa, terra comum a duas ou mais disciplinas. Os cultores de cada uma apreendem conhecimentos sem, no entanto, perderem a sua identidade cultural e científica. Exemplo deste procedimento é a própria gênese da Psicologia Transpessoal, que busca as suas bases no conhecimento das Psicologias científicas ocidentais, mas também nas tradições espirituais do ocidente e Oriente, integrando-os de modo harmonioso (SIMÕES, 2008, p. 18).

O que difere a Psicologia de orientação transpessoal das demais abordagens terapêuticas é a visão de homem como um ser biopsicossocioespiritual e o conjunto de referenciais teóricos utilizados durante o processo terapêutico. Pierre Weil contribuiu notavelmente para a ampliação dos conceitos da abordagem, como também a fortaleceu como um novo paradigma sistêmico de compreensão do homem no mundo. Sua obra é de uma extensão e profundidade imensurável. Abrange e dialoga com diferentes áreas de conhecimento e sua contribuição para o avanço da Psicologia foi imprescindível.

A Psicologia Transpessoal se reconhece como uma abordagem transdisciplinar que propõe a relação dialógica entre os saberes e com as demais visões epistemológicas que fazem parte desta ciência. Defende que, a partir dessa teia de conhecimento e de re ligação entre eles, a compreensão integral do ser humano não apenas a nível biológico, psicológico, social e cultural, mas também espiritual.

Caracteriza-se por uma abordagem que articula saberes contido nas tradições orientais, espirituais e em outras culturas pelo caráter transdisciplinar e transcultural e questionando o paradigma vigente incluindo o estudo da espiritualidade em seu escopo. Sugere que talvez, por este caminho, um encontro entre ciência e espiritualidade possa ser possível. Dentro da perspectiva transdisciplinar “O movimento transpessoal integra as diversas disciplinas que se dedicam à inclusão e ao estudo das experiências transpessoais, fenômenos correlatos e suas aplicações”. (SALDANHA, 2008, p. 41).

O modelo transpessoal incorpora áreas que vão além das concepções comuns do comportamentalismo, da psicanálise e da Psicologia humanista. Mas, não é toda "a verdade", e sim um quadro mais amplo do que os anteriores, devendo evoluir como todos os modelos que vieram antes, complementa Saldanha (2008).

Saldanha (1999) define a Psicologia Transpessoal como o estudo e a aplicação dos diferentes níveis de consciência em direção à unidade fundamental do Ser. Enfatiza que necessariamente esta definição implica em três aspectos básicos: a existência de uma dimensão superior de consciência, o trabalho vivencial por meio de diferentes estados da consciência com as polaridades do inconsciente inferior e superior e a síntese entre níveis experienciais e evolutivos. É um enfoque que torna possível a atuação dos níveis citados de forma mais harmoniosa para o indivíduo e para o ambiente, possibilitando a plena expressão do ser.

Tomando como base a Física Quântica, Pierre Weil (1990), sintetizou e afirmou a existência de sistemas energéticos inacessíveis aos nossos cinco sentidos, mas registráveis por outros sentidos. Tudo na natureza se transforma e a energia que a compõe é eterna. A vida começa antes no nascimento e continua depois da morte física. A vida mental e espiritual forma um sistema suscetível de se desligar do corpo físico. A vida individual é inteiramente integrada e forma um todo com a vida cósmica. A evolução obtida durante a existência individual continua depois da morte física. A

consciência é energia, que é vida, no sentido mais amplo: não apenas a vida biológica, física, mas também a da natureza, do Espírito, a vida-energia, infinita nas suas mais diferentes expressões.

Diferenciou o contexto da Psicologia profunda de práticas religiosas, dogmas ou crenças pessoais. Maslow (2000) ressaltou desde o início de sua teoria que a “experiência” transcendental ou espiritual antecede a dogmas ou crenças religiosas. Com isso, é possível considerar que a ciência psicológica, tem diante de si o objeto dos mais elevados e enigmáticos para observar e compreender. Ainda que nunca chegue a compreendê-lo em sua integralidade, pois é justamente esse emaranhado epistemológico, cheio de contradições e paradoxos que caracteriza e confere o valor de sua singularidade.

A Psicologia Transpessoal é a primeira corrente da Psicologia a considerar expressamente que o homem possui uma dimensão espiritual. No capítulo a seguir buscaremos evidenciar as contribuições e considerações que esta abordagem oferece sobre o conceito de espiritualidade.

3. A Espiritualidade no Contexto da Abordagem Transpessoal

O panorama sociocultural em que se deu o surgimento da Psicologia Transpessoal, seu locus dentro da Psicologia e sua tentativa de diálogo com diferentes saberes, torna-se um cenário desafiador e passível de inúmeras problematizações, na busca de compreender o modo como a Psicologia Transpessoal aborda questões ligadas à espiritualidade e quais suas contribuições frente a esse tema, uma vez que o estudo da alma humana e da natureza verdadeira e essencial do ser humano tem origens remotas, nas tradições mais antigas.

Retomando o contexto histórico retratado no capítulo anterior, faz-se relevante lembrar que quanto mais a juventude experimentava o impulso pela transcendência, mais ansiava pela busca de respostas a respeito do desconhecido que surgia e do sentido da vida. Foi um momento que reavivou a retomada por uma dinâmica espiritual no ser humano, embora a espiritualidade que estava se manifestando demonstrasse um caráter libertário e particular. Assim, é possível afirmar que o Movimento Nova Era, já preconizava essa tendência, uma vez que sua base focava justamente no redescobrir do mundo espiritual-místico e o seu ensino, além da busca por Deus dentro si mesmo.

Com isso, o ser humano mergulhou na profundidade do Ser, conforme relatou Boff (2006), com a premissa de refletir acerca de questões básicas como: O que o ser humano faz neste mundo? Qual é o lugar de cada um no conjunto dos seres? Como agir para garantir um futuro que seja esperançador para todos os seres humanos e para a casa comum? O que se pode esperar para além desta vida?

Como as demais ciências humanas, a Psicologia apoiou-se no postulado fisiológico e adotou o corpo como objeto de sua investigação, como meio para descortinar os segredos da essência humana. Por conseguinte, a espiritualidade ficou praticamente delegada a segundo plano, permitindo que a subjetividade e os fenômenos dessa natureza fossem compreendidos à luz as religiões.

Para iluminar essa ideia, vale mencionar a crescente do número de pessoas que começou a abordar conteúdos religiosos, nas sessões de terapia, com os psicólogos, demonstrando a busca por respostas no âmbito psicológico para questões como essas. Mas o que se evidenciou foi o conhecimento insipiente sobre a temática, além de um despreparo desses profissionais para dialogar com fenômenos dessa natureza, mesmo com o interesse demonstrado pela Psicologia desde os primórdios por questões como

essas. Este cenário sugere à ciência psicológica, a necessidade de abrir os olhos às experiências transpessoais, pois a Psicologia não poderia continuar se furtando ao estudo dessa dimensão da experiência humana, já que a espiritualidade também se expandiu enquanto campo reflexivo da ciência até os dias de hoje.

Atualmente, fatores religiosos e espirituais tem se configurado como tema de pesquisa, inclusive, na área de psiquiatria. Por muito tempo, crenças e práticas religiosas estiveram diretamente relacionadas à histeria, neurose e delírios psicóticos, de modo que estudos recentes tem revelado outro lado da religião, como recurso psicológico e social, muitas vezes utilizados para lidar com situações estressantes, conforme detalha Koenig (2008).

Em determinado momento, os Psicólogos da Religião, Psicologia que nasceu década de 1880, começaram a se apropriar das ideias filosóficas, com o objetivo de aprofundarem-se na compreensão psicológica do fenômeno religioso e da experiência religiosa. William James foi um dos pioneiros continuando com Starbuck, Stanley Hall, G.A. Coe, W. T. Stace, James Leuba, C. G. Jung, W. Koepp, R. Otto, K. Girgensohn, e W. Gruen. Após estes vieram M. Eliade, G. W. Allport, A.H. Maslow, M. Boss, A. Godin, A. Vergote, V. Gronbaeck e inúmeros outros. Salienta o papel da Psicologia da Religião, na esfera das Ciências Humanas, pois como afirma Valle (1998, p. 51)

[...] é conveniente firmar que esse ramo da ciência psicológica estuda a origem e a natureza da mente religiosa humana. Ela não procura definir o que a conduta religiosa é, e sim, por que e como alguns fenômenos religiosos se dão no interno da estrutura psicológica de um sujeito.

Com o objetivo de delinear o tipo de espiritualidade na qual a Psicologia Transpessoal se fundamenta, este capítulo abordará, primeiramente, a compreensão atual da religiosidade e da espiritualidade. Muito embora seja relevante destacar que as definições podem vir a não satisfazer totalmente uma conceituação definida e única, é essencial apresentar algumas considerações sobre o tema, com a intenção de limitar e facilitar a exploração da visão que a abordagem transpessoal remonta sobre a espiritualidade.

Dessa forma, incluir no campo da ciência psicológica assuntos referentes à espiritualidade e à religiosidade necessita, inicialmente, dispor as diferenças conceituais entre os termos, pois as pesquisas costumam associá-los de alguma maneira, posicioná-los de forma antagônica ou uni-los com referência a um único conceito.

Definir os conceitos de religiosidade e espiritualidade não se mostra uma tarefa fácil, devido à magnitude do assunto e a possível sobreposição entre eles, de modo que são encontradas na literatura inúmeras definições. Muitos autores associam as duas com a busca pela transcendência, que pode acontecer individualmente ou coletivamente, dentro ou fora de instituições religiosas.

Embora apresentem uma vivência parecida, ambas compreendem definições próprias que facilitarão o estudo, o diálogo e a articulação sem confundi-las. Assim, a espiritualidade se distingue da religiosidade, não só pela definição como também quanto à autonomia em relação à tradição, a autoridade e a motivação da busca pelo sentido da vida, como relata Paiva (2005).

O autor também descreve que a frequência da participação em cultos, a repetição de rituais e a crença em ritos são geralmente associadas à religiosidade. Enquanto que o cultivo do espiritual, valores, transcendência e fé, são considerados parte do fenômeno da espiritualidade que é encontrado em todas as culturas e todas as idades. Nessa perspectiva, a espiritualidade, dessa forma, seria um conceito mais amplo e a religiosidade um termo mais relativo a religiões específicas.

Alguns autores como Valle (2005) e Amatuzzi (2006) concebem a religiosidade composta de duas dimensões, uma delas que se manifesta exteriorizada por meio das religiões, ritos ou doutrinas e outra dimensão manifestada subjetivamente pelo sentido da vivência interior impulsionada pelo Elã da Transcendência. Valle (1998) faz menção do termo alemão *Erlebins* para explicar o que seria, para ele, a experiência religiosa. O termo significa experiência e é utilizado pelo povo alemão para se referir a uma experiência profunda, que ressalte e valorize a vivência da pessoa, ou seja, por meio dos sentidos fisiológicos e influências sociais, para além do ensinado e aprendido.

Pode-se ressaltar que a religiosidade difere-se da espiritualidade pela clara sugestão a um sistema doutrinário particular e coletivo. De acordo com Dr. Harold Koenig (2001), o maior pesquisador da atualidade sobre religião, espiritualidade e saúde, ressalta a relação dos conceitos com a busca pelo sagrado, mas define religião como um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos delineados para facilitar a proximidade com o sagrado e o transcendente, enquanto que a espiritualidade seria a busca individual pela compreensão das questões ligadas à existência, significado da vida, ligação com o transcendente podendo ou não acontecer por meio do desenvolvimento de rituais ou algum tipo de comunidade.

No entanto, na perspectiva de Valle (2005), a espiritualidade tem como caráter fundamental a busca individual pelo sentido da própria existência, embora não imperativamente ligada a um Ser ou uma Força Transcendente. “Orienta-se para o porquê último da vida, mas sem fugir dos questionamentos e compromissos que a vida nos impõe, ajudando-nos a ter forças para nos comprometermos com eles”. (VALLE, 2005, p.104).

A espiritualidade [...] consiste essencialmente em uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir. Acha-se por isso, unida à motivação profunda que nos faz crer, lutar e amar. Orienta-se para o porquê último da vida, mas sem fugir dos questionamentos e compromissos que a vida nos impõe, ajudando-nos a ter forças para nos comprometermos com eles [...]. A religiosidade se diferencia da espiritualidade porque a busca do sentido para a vida é acompanhada na crença em uma realidade superior e há uma relação do ser humano com Deus ou uma Força Transcendente. (VALLE, 2005, p.104).

William James fez inúmeras palestras sobre Teologia Natural que foram compiladas dando origem ao livro “Variedades da Experiência Religiosa”, publicado em 1902. O livro reflete sobre o lugar ocupado pelo sentimento religioso, diante ao materialismo constituído. Com isso, o interesse de James não reside nas religiões organizadas ou instituições, já que se ocupou de compreender os sentimentos das pessoas quando experienciam sua relação com o que consideram divino.

Para James, a experiência religiosa seria capaz de prover um estado de satisfação, alegria e otimismo. Passou a considerar o sentimento religioso valioso e importante, percebendo-o como mais uma dimensão da experiência humana. O autor é reconhecido, juntamente com Charles Sanders Peirce, como um dos fundadores do pragmatismo e um dos dianteiros pesquisadores a lidar com o aspecto da religiosidade na esfera psicológica. Segundo Fadiman e Frager, em Saldanha (2008), o autor definiu a Psicologia como sendo a descrição e explanação sobre estados de consciência.

O mundo usual da consciência de vigília é apenas um dos estados do mundo da consciência, segundo James. Considerava que estes diferentes estados de consciência poderiam unir-se e dali emergir energias mais elevadas. Afirmava que a mente possuía um manancial de possibilidades inimagináveis, repleto de potencialidades para se evoluir, com as quais o ser humano nem poderia sonhar, ressalta Saldanha (2008).

[...] De minha experiência [...] uma conclusão estabelecida emerge dogmaticamente [...] há um continuum de consciência cósmica, contra

o qual nossa consciência apenas constrói cercas acidentais e dentro do qual nossas várias mentes mergulham como se dentro de um mar-mãe ou de um reservatório. (JAMES, apud FADIMAN; FRAGER, 1986, p.165).

Outro grande pesquisador, contemporâneo a James, e interessado na compreensão da experiência religiosa, foi Carl Gustav Jung, nascido na Suíça e filho de um pastor protestante e filólogo arabista. Em seu livro “Psicologia e Religião”, de 1978, refere-se à religião como sendo uma atitude do espírito humano, fazendo alusão à observação de James, quando este preconiza que o homem de ciência muitas vezes não tem fé, embora possa ter um “temperamento religioso”.

Antes de falar da religião, devo explicar o que entendo por este termo. Religião é - como diz o vocábulo latino religere - uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de “numinoso”. Isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário. [...] Qualquer que seja a causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade. [...]. O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível ou influxo de uma presença invisível, que produz uma modificação especial na consciência. [...]. Encaro a religião como uma atitude do espírito humano [...]. Eu gostaria de deixar bem claro que, com o termo “religião”, não me refiro a uma determinada profissão de fé religiosa. A verdade, porém, é que toda confissão religiosa, por um lado, se funde originalmente na experiência do numinoso e, por outro, na psitis, na fidelidade (lealdade), na fé e na confiança em relação a uma determinada experiência de caráter numinosa e na mudança de consciência que daí resulta. (JUNG, 1978, p.09,10).

Em um de seus muitos trabalhos, Jung foi convidado pela Universidade de Yale, a contribuir para a reflexão acerca da religião.

Visto que a religião constitui uma das manifestações mais antigas e universais da alma humana, subentende-se que todo o tipo de Psicologia que ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, também é um assunto importante para grande número de indivíduos. (JUNG, 1978, p.6).

Jung mencionava que suas contribuições sobre o problema religioso provinham exclusivamente da experiência prática com seus pacientes. Perante os muitos relatos expostos a ele sobre contatos pessoais com o “divino, sagrado”, percebeu que nem todos continham necessariamente evidência da existência de Deus, embora todas as experiências fossem de uma profundidade tal que qualquer descrição não daria conta de explicar o fenômeno. Considerava, portanto, assim como outros autores, a religião como um tema a ser discutido pela Psicologia. Jung fazia referência às obras de James, pois

acreditava que elas continham sugestões da possibilidade de evolução pessoal, já que todo ser humano tem uma capacidade inerente de modificar ou mudar comportamentos e atitudes. Acreditava na existência de um impulso em direção ao crescimento.

Contemporâneo a Jung, Roberto Graco Assagioli, médico nascido em Veneza foi outro autor importante da época. Realizou sua tese de Doutorado em Psicanálise, no ano de 1910; ampliando, posteriormente, o conceito do inconsciente permeado da dimensão espiritual. Saldanha (2008) destaca que o último livro de Assagioli, “Ser Transpessoal” insere a Psicossíntese, abordagem criada por ele, como pertencente a Psicologia Transpessoal.

Contudo, apesar das exposições mencionadas, percebe-se que há um grande caminho ainda a ser percorrido, no que tange à contemplação da dimensão espiritual por parte dos estudos da Psicologia. Existem dificuldades para lidar com estes fenômenos das mais diversas procedências, como, por exemplo, a ausência de homogeneidade dos conceitos de religiosidade e espiritualidade, o não investimento dessa dimensão na formação dos psicólogos e a falta de sustentação teórica, bem como crenças pessoais e pontos éticos que entremeiam a relação terapêutica. Razões como essas favorecem com que, pela falta de técnica para manejar questões dessas dimensões, os profissionais façam leituras equivocadas e patologizantes sobre essas experiências.

Esse hiato evidencia cada vez mais o pouco conhecimento dos cientistas, assim como da necessidade de compreensão das experiências transpessoais, tendo elas ou não o cunho religioso, a fim de integrar no escopo de pesquisa, a dimensão espiritual e que, desde William James, haviam sido esquecidas.

Como visto no primeiro capítulo, a Psicologia Transpessoal é considerada como um desdobramento da Psicologia Humanista e consiste em ampliar o entendimento do espectro psicológico. Abarca as novas indagações e acolhe essas experiências sem categorizá-las, sem julgamentos ou preconceitos, numa conduta de respeito e solicitude. Por esse motivo, se faz necessária uma exposição de algumas considerações da escola humanista sobre o conceito de espiritualidade para auxiliar na compreensão desta dimensão no espectro da Psicologia Transpessoal, já que diz beber na fonte humanista abarcando muitos de seus conceitos e ponderações. “Seu surgimento como uma nova disciplina dentro da Psicologia está estreitamente ligado à evolução da própria Psicologia” (WEIL, 1995, p.20).

A escola humanista, considerada a força antecessora da transpessoal, reagiu à opção metodológica de exclusão da emoção que colocava à margem do seu objeto de estudo, os fatores afetivos considerados como inerentes e fundamentais ao ser humano. Antes das publicações de Maslow, a Psicologia não validava fenômenos dessa natureza, a não ser, eventualmente, como patológicas ou como superstição de massa. Esta corrente tinha uma visão do homem como um ser criativo, capaz de autorreflexão, decisões, escolhas e valores de um nível fenomenológico e existencial, destaca Saldanha (1997). “Stanislav Grof evidencia que, embora as teorias de Carl Gustav Jung e Roberto Assagioli apontassem na mesma direção distanciavam-se muito da corrente principal da Psicologia acadêmica para que pudessem causar um impacto sério” (SALDANHA, 2008, p. 65).

Victor Frankl, médico psiquiatra e fenomenólogo da escola humanista, influenciou diretamente a Psicologia Transpessoal, pois já apontava para a existência de uma dimensão espiritual do ser humano. Foi fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, conhecida como Logoterapia. Fundamentou a sua teoria na compreensão da existência humana. Para este autor a dimensão espiritual é constitutiva do ser humano e possibilita a transcendência, pois a experiência humana, essencialmente, está orientada para além de si mesma, para algo ou alguém. E salienta ainda, que a dimensão espiritual é diferente da experiência religiosa, já esta é somente uma de suas manifestações.

Segundo Frankl (1978), em nenhum momento o homem se desconecta com de sua dimensão psicofísica, ainda que seja na dimensão espiritual que resida sua essência, que inclui o senso ético, estético e religioso, a criatividade, a intencionalidade, a compreensão de valores, as escolhas e as tomadas de decisões. Percebe a existência espiritual como propriamente humana e acredita que o homem é movido pela vontade de sentido, ao invés da vontade de prazer ou poder. Segundo o autor, é esta dimensão que possibilita a transcendência e a ampliação de uma realidade mais ampla para cada pessoa, caracterizada pela autotranscendência, aberta ao mundo, voltada para o sentido da vida e à relação e ao encontro humano.

Dessa forma, percebe a dimensão espiritual como peculiarmente humana, oportunizadora da experiência da transcendência e, por sua vez, ligada à condição essencial do ser humano de ser impulsionado e orientado para além de si mesmo.

Os autores Achilles e Mahfoud (2001) defendem que Victor Frankl considerava que a própria história da civilização revelava essa autotranscendência, pois apresenta um homem impelido de intencionalidade que o impulsionava para algo ou alguém para além de si mesmo. Como se houvesse uma voz da consciência apreendida como transcendente, “extra-humano” e capaz de orientá-lo, descreve Barros (2006).

Jacob Levy Moreno, o criador do Psicodrama, dizia existir uma natureza religiosa no homem. Para este autor, desconsiderar a religiosidade natural do ser, era tirar-lhe a esperança e possibilidade de cura. Com o próprio conceito dele, Moreno demonstrava que era possível sentir o outro em sua essência mais genuína, com a correta valorização do mundo que o cerca. Segundo Saldanha (2008) autora, Moreno e Maslow, afirmavam que Freud se detinha na doença e na miséria humana e que seria necessário considerar os aspectos saudáveis e que dão sentido, riqueza e valor à vida.

Já em 1951, em seu último ano na Universidade, Kurt Goldstein, neurologista e psiquiatra alemão e judeu, foi pioneiro em NeuroPsicologia moderna e co-editor do *Journal of Humanistic Psychology*. Ele criou uma Teoria Holística do Organismo, com base na teoria da Gestalt, que influenciou profundamente o desenvolvimento da Gestalt-terapia. Seu livro mais importante é o "O Organismo", de 1934, em alemão “*Der Aufbau des Organismus*”, que introduziu a ideia de auto-atualização.

Em (1954) o autor escreveu um ensaio, *Perceiving, behaving, Becoming: A new Focus for Education*, afirmando o acto empírico de que as pessoas “individuationantes” são altruístas, dedicadas sociais, capazes de transcenderem. (MASLOW apud SALDANHA, 2008, p.72).

Ao se retomar alguns conceitos da Teoria Maslowiana, é possível perceber que sua visão sobre a espiritualidade é a base para o desenvolvimento da Psicologia Transpessoal. No decorrer da Segunda Guerra Mundial, Maslow percebeu que a Psicologia estava contribuindo infimamente para solver os principais problemas mundiais. Acabou transferindo seus interesses da Psicologia Experimental para a Psicologia Social e da Personalidade, pois tinha a intenção de dedicar-se a “descobrir” uma Psicologia para a Conferência da Paz.

Seu objetivo era provar que os seres humanos eram capazes de fazer algo melhor do que guerras, preconceitos e ódios. A partir de 1943, orientou-se para os estudos das motivações, tornando-se um dos mais considerados especialistas em comportamento

humano e motivação, pioneiro na sustentação da hierarquia das necessidades e do conceito de autorrealização. (SALDANHA, 2008, p.72).

O termo “individação” no início pareceu incerto, pois era compreendido como egoísmo em vez de altruísmo, por isso acabou adotando a expressão “self-actualization”, embora ele mesmo indicasse sinônimos aceitáveis, tais como “self-development”, “self-realization”, “productiveness”, “autonomy” e, inclusive, “individuation”. No Brasil, o termo adotado foi autorrealização, ressalta Saldanha (2008).

Auto-realização ou individação, segundo Abraham Harol Maslow, apresenta o ser humano no ápice de seu desenvolvimento. Ao final de sua obra expurgou a conotação estática referente aos estados do “ser”, evidenciando que a experiência de “puro ser” pode promover um novo “vir-a-ser”. Redefine assim, individação como um “avanço” na aglutinação dos poderes das pessoas, representando um episódio eficiente e agradável em sua vida. O conceito de individação ou auto-realização, inclui a necessidade e autoconsistência, por um lado, e o anseio de nova estimulação que leve a mudanças, crescimento e renovação, por outro. (FRICK apud SALDANHA, 2008, p.73).

Maslow (1994) declarou perceber a espiritualidade como um fenômeno universal e ressaltava que ele não podia pertencer unicamente a nenhuma religião. Por esta razão buscou evidenciar em seu livro “Religion, Values and Peak-Experiences” que os valores espirituais teriam significação natural e, por essa, razão não seriam do domínio exclusivo de igrejas, bem como não necessitariam de conceitos sobrenaturais para sua validação, pois estariam dentro da jurisdição de uma ciência devidamente alargada e que, portanto, seriam da responsabilidade geral de toda a humanidade.

O autor considera que a pessoa profunda e autenticamente religiosa integraria essas tendências de forma fácil e automática. Todavia, sublinha que “a maioria das pessoas perde ou esquece a experiência subjetiva religiosa” e passa a “redefinir Religião como um conjunto de hábitos, comportamentos, dogmas, formas, que, levado ao extremo, torna a pessoa totalmente legalista e burocrática, convencional, vazia, e, no verdadeiro significado da palavra, anti-religiosa”. (MASLOW, 1994, p. 4).

A Psicologia Humanista ratifica a ideia de que a espiritualidade deve ser considerada como um legítimo objeto de estudo dentro do vasto campo temático da Psicologia, tornando-se o foco de investigações da pesquisa psicológica. (ELKINS, 2005, p. 135).

Deve ser por esse motivo que Maslow considerou recorrer às lições e exemplos dos verdadeiros místicos, dos monges Zen e também dos psicólogos humanistas e transpessoais, quando ensinam que “[...] o sagrado está no ordinário e que pode ser encontrado na nossa vida diária, em seus vizinhos, amigos e família, no próprio quintal [...]”. E mais uma vez afirma que “essa lição pode ser facilmente perdida”, descreve Saldanha (2008).

O autor, doravante a essa delineação, prosseguiu em suas pesquisas, reflexões e ponderações sobre a questão antiga de fatos e valores, entre o que é e o que deve ser, entre o descritivo e o normativo, propondo uma terceira alternativa. Considerava as concepções vigentes muito extra-psíquicas, não serviam para explicar, satisfatoriamente, a qualidade da consciência ou das habilidades intrapsíquicas ou subjetivas como o desfrutar a música, meditar, contemplar e ser sensível às próprias vozes interiores. “Estar em harmonia com nosso próprio mundo interno pode ser tão importante como a competência social ou competência dentro da realidade” (MASLOW, 1994, p.74).

Está dentro da jurisdição. A vida valorativa e a vida animal não são reinos separados como supõem a maior parte das religiões, filosofia, e também a ciência clássica e impessoal, da vida espiritual [...] está dentro da jurisdição do pensamento humano, e em princípio pode-se alcançar também mediante os esforços do homem. Ainda que tenha sido posta fora do âmbito da realidade pela ciência clássica, livre de valores, que tem se configurado a si mesma de acordo com a física, pode ser reclamada a condição humana, como objeto de estudo e de tecnologia. Isso é, se baseiam em fatos, não em desejos; são humanos, e não sobre-humanos, são problemas científicos legítimos que exigem investigação (MASLOW apud SALDANHA, 2008, p.75).

Autoatualizar-se na linguagem maslowiana significa desabrochar do seu self profundo, entendendo tal dinâmica como uma capacidade humana natural de expressão do seu potencial espiritual. Portanto, uma pessoa que busca a autoatualização de seus potenciais é alguém que está desenvolvendo sua espiritualidade, segundo afirma CRAPPS (1986). Para o autor, Maslow ressalta que a máxima realização de identidade, autonomia ou individualidade é, simultaneamente, uma transcendência do próprio eu, um ir além e acima do eu. A pessoa pode então tornar-se relativamente “despersonalizada”, sem ego.

Na visão de Frick (1975), o autor percebia o indivíduo como um todo integrado, no qual a personalidade seria um sistema aberto, organizado e dinâmico. Definia o crescimento como os vários processos que levariam a pessoa no sentido de sua individuação, pois envolveria não só a satisfação progressiva de necessidades básicas, até o ponto que desapareciam, mas também motivações específicas de talentos, capacidades criadoras e potencialidades constitucionais.

O processo de crescimento saudável, neste enfoque, é contínuo, evolutivo, passando por mudanças numa série interminável de situações de livre escolha, que segundo ele, “[...] o indivíduo se defronta a todo instante ao longo da vida quando deve optar entre os prazeres de segurança e do crescimento, dependência e independência, regressão e progressão, imaturidade e maturidade”. (MASLOW apud SALDANHA, 2008, p.75).

A Psicologia do Ser foi o primeiro nome utilizado por ele para se referir para a essa recente forma de analisar a consciência e o ser humano. Convicto de que a Psicologia encontrava-se fragmentada em três grandes forças, sugeriu que haveria ainda uma quarta força. Maslow referia-se aos níveis supremos, mais inclusivos ou holistas da consciência, da conduta e relação humana como fim, mais do que como meio, consigo mesmo, com os seres humanos, em geral, outras espécies; a natureza e o cosmo. Assume-se o holismo no sentido de integração hierárquica e também do isomorfismo cognoscitivo e de valor.

Maslow afirmava que o homem seria um ser com poderes e capacidades adormecidos, inibidos. Segundo ele, as pessoas adoecem não só por questões patológicas, mas, por muitas vezes, bloquear elementos saudáveis. Para ele, a impossibilidade de manifestação da dimensão criativa e de expressão de potencialidades o resultado seriam as neuroses. Contudo, muitos psicólogos humanistas da época opuseram-se a outros olhares a respeito do ser humano, ao contrário de Maslow, que percebia o homem com uma ampla estrutura superdotada e que poderia acomodar várias visões. O autor continuou suas pesquisas e observações para além da percepção das necessidades básicas, motivações e aspectos da autorrealização e passou a observar o que ele denominou de experiências de cume.

Essas experiências incluem sentimentos elevados de êxtase e comunhão com a natureza, deslumbramento, gratidão e unicidade. Momentos de profundo envolvimento com o mundo, de perfeita integração entre mundo interno e externo, dos pensamentos

sentimento e ação, numa relação de harmonia, amor, entrega e comunhão universal. “Tais experiências a que Maslow denominou de platô, acontecem a qualquer ser humano e se forem favorecidas e valorizadas, trarão mudanças no sistema individual de valores e crenças”. (SALDANHA, 1997, p.30).

Os cumes mais elevados incluem sentimentos de horizontes ilimitados que se descortinam, sentimentos de arrebatamento, grande êxtase, encantamento e ausência espacial e temporal. “A expressão culminante é uma generalização para os melhores momentos do ser humano, para os momentos mais felizes da vida, para experiências de êxtase, enlevo, beatitude, de maior felicidade.” (MASLOW, 1990, p. 105).

[...] nestes momentos estamos integrados, inteiros, conscientes de nós mesmos e do mundo. Em tais momentos pensamos, agimos e sentimos mais claro e acuradamente. Amamos e aceitamos mais os outros, estamos mais livres de conflitos interiores e ansiedades e mais capazes de usar nossas energias de modo construtivo. (MASLOW apud FADIMAN; FRAGER, 1986, p.265).

Fadiman e Frager relatam que a experiência culminante é um auge que pode durar poucos minutos ou algumas horas, dificilmente mais. Relatam que foi comentada por Maslow uma experiência mais inarredável e longeva a qual ele aludiu como “experiência platô”, que seria uma forma mais fidalgal de vivenciar o mundo. Caracteriza-se por uma transformação na atitude que afeta todo o ponto de vista de um indivíduo, criando uma nova apreciação e uma consciência intensificada do mundo.

Segundo Maslow, indivíduos com esse tipo de vivência eram mais produtivos, enfrentavam o desafio da vida cotidiana com esperança, entusiasmo e realização. Vivenciar o aspecto transcendente era importante e, até mesmo, central na vida deles. “Pensavam de modo mais holístico transcendendo dualidades como certo e errado, bem ou mal, passado ou presente ou futuro e eram mais conscientes do sagrado de todas as coisas”. (SALDANHA, 2008, p.66).

No prefácio da segunda edição de seu livro “Introdução à Psicologia do Ser”, de 1968, o autor expôs que considerava a Psicologia Humanista apenas transitória, uma preparação para uma quarta força, a Psicologia Transpessoal.

Esta foi se desdobrando e ampliando a partir dos conteúdos e conceitos básicos de Abraham Maslow, tais como transcendência, diferentes estados de consciência, experiências culminantes e os dois mecanismos de defesa, Complexo de Jonas e Dessacralização. (SALDANHA, 2008, p.68).

Um dos mecanismos de defesa do ego, descritos por Maslow, é a “dessacralização”, que seria a falta de sentido na vida diária, e é definido pelo autor como a recusa em tratar qualquer coisa com interesse profundo e seriedade, o que gera um empobrecimento da vida em seus múltiplos aspectos e banaliza, por exemplo, a sexualidade, os fatos da vida e a própria morte. O outro mecanismo de defesa descrito por ele é o “Complexo de Jonas”, que seria uma recusa do indivíduo em tentar realizar suas plenas capacidades, ao evitar a responsabilidade que seria exigida por uma maior conscientização do real. Dessacralização e Complexo de Jonas eram dois mecanismos de defesa vistos pelo autor como sendo obstáculos internos ao crescimento e foram acrescentados por ele à tradicional lista psicanalítica, relata Saldanha (2008).

Maslow acrescentou reconhecer duas forças distintas que puxavam o indivíduo. Uma delas gerava obstáculos, empurrando para a fraqueza e doença e a outra, ignorada pela maioria dos teóricos e composta por forças saudáveis, necessária à manutenção e à conquista da saúde mental. Reconheceu além da pulsão de vida e de morte, a natureza transcendental e inerente ao ser humano, considerada por ele como um impulso à transcendência. “Denominava-o como um aspecto “instintóide” que é desejável, curativo, e, sem ele, poderíamos ficar doentes, violentos, niilistas, vazios de esperança e apáticos”. (SALDANHA, 2008, p.68). A autora também enfatiza que quando Weil escreveu sobre a pulsão de procura da unidade, foi possível correlacioná-la aos aspectos instintóides da natureza humana, sugeridos por Maslow.

De acordo com Berger (2001), desde sua origem até a visão mais recente, as definições da Psicologia Transpessoal observam os postulados de Maslow e também a sua posição de que a ciência deve agregar valores. Estes postulados estão alinhados com a educação, princípios éticos e necessidade de favorecer-se uma Psicologia que contemple não só as deficiências, mas também aspectos saudáveis que podem ser estimulados e desenvolvidos na natureza humana.

Maslow enfatizava que a negação dessa dimensão espiritual no indivíduo impede a manifestação dos valores positivos, genuínos necessários para o desenvolvimento do ser humano saudável, criando pessoas de mentes limitadas em suas possibilidades. Segundo ele, essa dimensão superior não está na consciência de vigília, mas sim no inconsciente. Resgatar a dimensão superior do inconsciente e promover sua expressão é, segundo ele, uma das tarefas essenciais da Psicologia nas distintas áreas de atuação. Saldanha (2008) destaca que este processo, na estrutura social, é identificado

por Maslow como “normopatia”. Normose é um conceito de filosofia para se referir a normas, crenças e valores sociais que causam angústia e podem ser esgotantes. Dessa forma, os indivíduos que estão em perfeito acordo com a normalidade e fazem aquilo que é socialmente esperado acabam sofrendo, ficando doentes ou morrendo por conta das normoses. E esta, como sendo a patologia em que o indivíduo nega a própria essência, passa a ser a norma vigente. O sentido do “sagrado” tanto na vida pessoal quanto na social, é perdido. A dimensão superior que está na pessoa é “sagrada”, mas não se restringe a identidade exclusivamente pessoal, pois vai “além” e “através” dela em suas relações. É a esta dimensão que chamamos de Transpessoal.

Neste sentido, “O Sagrado” não implica na crença em Deus, deuses ou espíritos. “É a experiência de uma realidade, é a origem da consciência de existir no mundo” (ELIADE apud NICOLESCU, 1999, p. 126). Segundo Jean-Yves Leloup (1999), a palavra sagrado vem do verbo latino “sacere” e, literalmente, o que é considerado sagrado está sujeito ao anátema, é excluído.

Algo sagrado é algo que está no mundo, mas não é desse mundo. Está no espaço-tempo, mas existe nele a marca de outra dimensão superior. O empecilho de se tornar sagrado é a normose, o desejo de ser como todo mundo, o medo do ostracismo, da diferença que permitiria nos sentirmos melhores conosco mesmos. O que define sagrado é a consciência de uma transcendência. (HENNEZEL; LELOUP apud SALDANHA, 2008, p. 67).

Já foi abordado que Maslow (2000) distingue claramente o contexto da Psicologia profunda de práticas religiosas, dogmas ou crenças pessoais. E, a partir dessa reflexão, afirmou que tanto quanto a ciência materialista, a religião foi nefasta ao dividir o homem em espírito e corpo, se “apropriando” do espírito e delegando à ciência o conhecimento da matéria. Ser “humano” não é corpo sem espírito, ou espírito sem corpo, mas sim, o corpo e o espírito integrados e é este desenvolvimento pleno e inteireza que se deve favorecer.

Saldanha (2008) sublinha que as contribuições de Abraham Maslow são um diferencial capital para se conhecer a Psicologia Transpessoal. Além das necessidades básicas, motivações, metanecessidades, metamotivações, metacognição, aspectos de autorrealização, o autor observou em suas pesquisas o que denominou de experiências culminantes e as descreveu como experiências que incluem sentimentos elevados de êxtase e comunhão com a natureza, deslumbramento, gratidão e unicidade. Momentos em que o ser se torna profundamente envolvido e absorvido no mundo em uma perfeita

integração ao universo interno e externo, ao pensamento, ao sentimento e ação, numa relação de harmonia, entrega, amor, união e comunhão universal. Observa ainda que, uma experiência desse porte é única e especial seja no âmbito profissional, num instante de contemplação da natureza, um encontro amoroso ou uma vivência pessoal. “Maslow criou um novo referencial conceitual na Psicologia ao legitimar essas experiências”. (GROF apud SALDANHA, 2008, p.65).

Segundo a Transpessoal, essa forma incomum de experimentar a vida interna e externa pode ser encontrada ao longo da história evidenciada pela experiência de pessoas espiritualistas que transitavam por diferentes religiões e crenças e que parecem ter em comum a busca pelo aprimoramento pessoal, hoje chamado de autotestria, na qual seu aprimoramento pode permitir alcançar a iluminação, a liberdade total, a possibilidade de alcançar o êxtase místico e a consciência cósmica.

Hoje, podemos conceituar a Psicologia Transpessoal como o estudo e a aplicação dos diferentes níveis de consciência em direção à Unidade Fundamental do Ser. Ela favorece ao indivíduo a vivência da plena luz, de onde emerge o ser integral vivenciando um estado de mente mais lúcido, mais desperto. É a possibilidade de romper com os automatismos, discernindo suas reais capacidades e de tornar possível a atualização desses níveis de experiência de forma harmoniosa para si e para o ambiente externo. A vivência dos níveis transpessoais se caracteriza por uma ética natural e construtiva (SALDANHA, 1997, p.32).

Esta abordagem busca enquanto ciência, a expansão do campo de pesquisa psicológica, a fim de incluir o estudo da saúde e do bem-estar psicológico, menos do que se atentar às doenças. A Psicologia Transpessoal reconhece o potencial da experiência de diferentes estados de consciência, em alguns dos quais a identidade pode estender-se para além dos limites usuais do ego e da personalidade.

A visão de Pierre Weil (1999), a Psicologia Transpessoal pertence a um ramo da Psicologia especializada nos estudos dos estados de consciência, lida mais especificamente com a “Experiência Cósmica” ou estados ditos “Superiores” ou “Ampliados” da consciência. Estes estados de consciência consistem na entrada numa dimensão fora do tempo-espço, tal percebidos, comumente, pelos nossos cinco sentidos. É uma ampliação da consciência comum, com visão direta de uma realidade que se aproxima muito dos conceitos de física moderna.

A Transpessoal surgiu em um movimento de transição e integração do saber, em uma nova etapa da ciência e do conhecimento humano. Longe de ser uma teoria

concluída e hermética, é ainda uma disciplina jovem e que, sem dúvida, faz parte das pesquisas de ponta sobre o desenvolvimento da mente humana, com perspectivas extremamente promissoras, destaca Saldanha (2008). A experiência de consciência cósmica engloba fundamentalmente a experiência de unidade. Seria a Escola de Psicologia que pesquisa num nível científico a dimensão espiritual.

O significado de Unidade Fundamental do Ser seria o conceito que reúne e sustenta, ao redor de si, os conceitos de vida, ego, a cartografia e os estados de consciência. Assim, todo processo, terapêutico ou educacional que se baseia nessa teoria, caminha em direção ao resgate do que é chamado de Unidade Fundamental do Ser. A unidade seria a propriedade onde nada é dividido. Na unidade cósmica, inexistem o tempo e o espaço, sendo um eterno agora, onde não há polaridade ou dualidade e que a vivência do ser seria na plena luz, um ser indivisível. Saldanha (1987) descreve que este conceito está relacionado ao fenômeno humano o que significa uma vida mais saudável e harmoniosa, em unidade com o cosmo e todos os seres, numa experiência direta, verdadeira e indissociável.

A proposta da Psicologia Transpessoal é a de permitir que o homem velho que agoniza e sofre, possa renascer o homem novo, sábio, o homem que consegue vivenciar a unidade cósmica, sentindo que ele é parte dessa unidade, ao mesmo tempo em que essa unidade está contida nele, percebendo que sempre há uma interdependência, todas as coisas e seres do universo” (SALDANHA,1987, p.45).

De acordo com a autora, as descobertas da física moderna a respeito da unidade cósmica e da não fragmentação do ser são de grande relevância para essa abordagem e tem trazido expectativas promissoras ao mostrarem, por exemplo, que o todo contém as partes e que as partes contém o todo, ou seja, o ser humano contém o todo e também está contido nele. A descrição do universo segundo a física quântica se dá por meio da unidade básica, isso é, de um todo dinâmico, uma rede sistêmica de natureza energética, onde os seres humanos fazem parte desse sistema. E de acordo com essa teoria, no nível da unidade cósmica, a noção das partes separadas se dissipa ao penetrar a matéria e atingir o nível das partículas. Nesse nível, sujeito e objeto são inseparáveis e, segundo a Psicologia Transpessoal, é justamente a ilusão de estarem separados do mundo que cria no psiquismo, do ser, uma crise de fragmentação dando origem aos apegos, as identificações parciais, e às consequências patológicas, a nível mental ou físico.

Saldanha (1997) explicita que quando o homem ignora que faz parte da unidade, ele se apega aos objetos de prazer se os tem, tem medo de não vir a tê-los ou medo de

não os reaver se os perdeu. Compreende-se, portanto, sob a luz dessa teoria, que experimentar essa unidade propicia sentimentos de paz, confiança e entrega que acabam por resultar em desapego, paz e harmonia. Segundo ela, quanto menos identificação com sentimentos, situações ou atitudes circunstanciais, mais ampla se torna nossa percepção da realidade. Essa ideia de desidentificação do desapego foi bastante valorizada por William James, salienta.

Na Psicologia Perene proposta por Ken Wilber, o conceito de unidade está no cerne de todas as religiões. Ele afirma que embora os aspectos exotéricos (externos) como os rituais, os templos e as orações possam diferenciar-se entre si, o elemento intrínseco, esotérico (interno), oculto de todas as escolas religiosas postulam a existência dessa Unidade Fundamental. Segundo Saldanha (2008), na Psicologia Perene, Wilber adota o termo Absoluto para designar esta Unidade e, segundo este enfoque, serão encontrados nomes como Brahma, Deus, inteligência suprema, entre outros.

A morte e renascimento do ego, na Psicologia Transpessoal, é a grande oportunidade do homem dar importância maior às experiências interiores, transcender o ego e aproximar-se daquilo que realmente é, incorporando o aspecto paradoxal em que o nível pessoal exterior tem importância relativa e o aspecto transcendental, interior, adquire maior importância. É o ser saudável. Vive a vida quotidiana com suas necessidades e responsabilidades, mas permeado todo o tempo pela dimensão espiritual, além do ego, vivenciando a verdadeira natureza da sua mente cada vez mais de forma intensa. (SALDANHA, 1987, p.46).

A autora descreve que a Dualidade é um ego solidificado que deixa de sentir-se como parte do todo gerando a autoimagem como subproduto. Percebe-se o eu e o outro, rigidamente separados. Jean Yves Leloup afirma que o indivíduo nasce de uma unidade indiferenciada. Para ele, o indivíduo seria parte do todo, mas sem consciência disto. Vai para a dualidade onde vivencia a polaridade, os obstáculos e desafios do universo, interno e externo, até que retorna à unidade, mas agora já com consciência, tornando-se assim, uma unidade diferenciada.

Jean Yves Leloup é doutor em Psicologia, Filosofia e Teologia. É escritor, conferencista e padre ortodoxo e oferece, por meio de seus livros, conferências e seminários, um aprofundamento dos textos sagrados, assim como uma abordagem e uma reflexão extremamente ricas sobre a espiritualidade no cotidiano, graças à sua formação pluridisciplinar de rara complementaridade. Membro da Organização das

Tradições Unidas, doutor honoris causa e ciências da Universidade de Colombo (Sri Lanka), Jean-Yves Leloup ensina na Europa, nos Estados Unidos e na América do Sul, em diferentes universidades e institutos de pesquisa em antropologia fundamental. É autor de mais de cinquenta obras, além de ter comentado e traduzido os evangelhos de Tomé, Maria de Magdala, Felipe e João. Ele participa igualmente de vários encontros entre as diversas tradições e diferentes estados de consciência.

É notório o aumento de pessoas que tem interesse em vivenciar experiências místicas, experimentar a consciência ampliada, estar em contato com o que chamam de sagrado, em unidade com o cosmo, entre outros e participar do que é chamando de movimento transpessoal frente ao mundo, que significa olhar o todo como um sistema vivo inter-relacional, holístico, amoroso e cósmico. A própria história da humanidade vem descrevendo que ao longo das épocas, têm surgido sábios e santos que declaram terem tido experiências deste tipo.

Segundo Weil, Maslow, Sutich, Grof, entre outros, que acompanharam o movimento de contracultura dos anos de 1960, estes autores consideram que na história da humanidade, ao longo do tempo, teriam surgido pessoas, mais conhecidas como santos ou sábios que declaravam ter tido a oportunidade do contato direto com a Verdade e de ter experimentado uma vivência numa dimensão diferente da vivida ordinariamente pelos mortais. As escrituras e documentos de todas as religiões narram tais acontecimentos desde a Antiguidade até os tempos modernos.

Como descreve a literatura, muitos nomes foram dados para essa experiência como consciência cósmica, Samadhi - êxtase místico, experiência cósmica, experiência oceânica, Satori, reino do céu, experiência transcendental, nirvana, sétimo céu, entre outros e, inclusive, esta diversidade de sinônimos tem sido uma das grandes dificuldades para o estudo deste fenômeno, já que podem variar em grau, intensidade e significado de acordo com cada cultura.

Também destaca que uma das maiores dificuldades assinaladas é justamente a diversidade de termos, indicados por certos autores como sinônimos e por outros como tendo uma variação de grau, diversidade que se dá devido a diferenças culturais, religiosas e por se tratarem de experiências subjetivas, dificilmente comunicáveis.

Weil (1978) cita termos como consciência cósmica, nirvana, iluminação, estado de graça, ASC (Altered State of Consciousness), experiência cósmica, êxtase místico;

“peak experience” ou experiência culminante e experiências de platô (Maslow), HSC (Higher, State of Consciousness), experiência oceânica (Freud), entre outros.

Estes estados de consciência, como já citados, podem ser experimentados por espiritualistas, religiosos e também por pessoas comuns. Esta vivência do êxtase místico é descrita de diferentes formas, por inúmeras culturas ao redor do mundo e em diferentes momentos da história.

Segundo Weil (1999), esse estado de consciência não é somente possibilidade de grandes mestres, místicos, santos e sábios, como Krishna, Buda, Jean de la Croix, Tereza d'Ávila, Rama Krishna, Baal Schen Taw, Ramana Maharishi e tantos outros, mas também de outras pessoas, do passado e mesmo contemporâneas, que por diferentes razões não revelam suas experiências aos demais.

Segundo os estudiosos transpessoais, diferentes métodos e técnicas, foram utilizados para se obter tal resultado, tais como a cabala, ioga, sufismo, o za-zen, o tai-chi, técnicas de meditação, a teosofia, o rosa-cruzismo, a cabala judaica, a alquimia, os exercícios de Inácio de Loyola, a Maçonaria, entre outras. É possível afirmar que a história e antropologia da religião, mais particularmente Mircea Eliade, tem demonstrado haver bastante semelhança e convergência com todos estes métodos. Assim, o interesse por esse tipo de experiência passa do meio comum ao meio científico, de modo que diferentes fatores têm contribuído para isso.

Em psiquiatria, a experiência do uso de drogas psicodélicas, mais particularmente o ácido lisérgico (LSD), colocou em evidência a entrada em outra dimensão, de uma expansão, um alargamento do campo de consciência provocando a chamada experiência cósmica ou ASC (Atered State os Consciousness).

Há no homem uma tendência à procura da unidade da existência universal, unidade que ele deixou de perceber e viver por uma hipertrofia do uso do neocéfalo em detrimento do paleocéfalo, dos cinco sentidos em detrimento do ‘sexto’ sentido, do raciocínio em relação a intuição (WEIL, 1999, p. 60).

Por meio das pesquisas dos físicos modernos como Capra, Goswami entre outros, colocou-se em evidência, dimensões fora do tempo e espaço, de antimatéria e mesmo de antiuniverso. As viagens ao espaço, a facilidade de comunicação e por consequência, proximidade entre oriente e ocidente, pesquisas psifisiológicas, estados

de “peak experience” vivenciados em psicoterapia, entre outros fatos, contribuíram para o aparecimento desta nova força em Psicologia, a Psicologia Transpessoal.

Weil (1997) desenvolve a ideia que de acordo com o nível de percepção de cada indivíduo, que está diretamente relacionada com o seu estado de consciência, assim será também sua percepção da realidade. Os indivíduos podem perceber a mesma realidade de forma diferente, o que gera crenças, valores e atitudes distintos em relação a si próprios e ao mundo externo. A Psicologia Transpessoal tende a mostrar-se abrangente, interdisciplinar e integradora de conhecimentos advindos de diferentes áreas como a neurociência, a ciência cognitiva, a antropologia, a filosofia, a religião etc. e, inclusive, influências do Oriente e do Ocidente.

Um dos maiores interesses dessa Psicologia, como já citado, reside em estudar a consciência e seus estados alterados, assim como a mitologia, meditação, ioga, misticismo, sonhos lúcidos, valores, ética, relacionamentos, capacidades excepcionais e bem estar psicológico, emoções transpessoais como o amor e a compaixão, motivações como o altruísmo e o serviço ao coletivo.

Segundo Grof (2007), essa Psicologia procura estudar todo o espectro da experiência humana, inclusive os estados holotrópicos, isto é, “[...] orientado para a totalidade /inteireza” (do grego holos = todo / inteiro e trepein = movendo-se para ou em direção de algo), e desta forma, busca integrar ciência e espiritualidade. De acordo com os transpessoais, o significado do termo sugere que no estado diário de consciência, os homens não se apresentam inteiros, mas sim fragmentados, de modo a se identificar com apenas uma pequena fração do que realmente são.

De acordo com Tabone (1995), o estudo da consciência foi enriquecido pelo diálogo da Psicologia Transpessoal com as ciências exatas, como a física e a pesquisa do cérebro. As teorias quântica e relativista, no campo da Física Moderna, a teoria “holográfica do cérebro”, do neurocientista Pribam, e a do “holo movimento”, do físico Bohn, permitiram uma explicação da consciência transpessoal, que integrava os conhecimentos transcendentais, com a vantagem de derivar dos mais sofisticados enfoques da ciência contemporânea.

Em seu livro “Consciência Cósmica”, Weil (1972) apresenta algumas hipóteses para a vivência cósmica, similares às descritas por Maslow. Afirma que algum dia no terceiro milênio, a Consciência Cósmica será considerada a grande e descoberta do

século. Estados de consciência são os níveis que favorecem, segundo a teoria transpessoal, uma percepção de diferentes níveis de realidade. É o caminho através do qual se dá essa teoria e onde se diferencia das demais, afirma Saldanha (2008). Vale enfatizar que o termo consciência cósmica remete à atenção para a abrangência dos estudos da religião, visto que exige um pensar sobre as transformações do próprio conceito de espiritualidade e, por consequência, de religião.

Segundo Weil (1991), Charles Tart, descreve que esses estados são definidos por um padrão generalizado de funcionamento psicológico, um sistema, constituído por subsistemas e subestruturas, que sob a forma de atenção, mantém certo estado de consciência. Um estado de expansão da consciência é uma ampliação no padrão comum de atividade da mente.

Referindo-se ao desenvolvimento da consciência cósmica, sugere simultaneamente três dimensões ou níveis: 1 - Os níveis de consciência e de controle, a saber: a) sono profundo; b) sonho; c) devaneio; d) estado de vigília; e) despertar da consciência e controle; f) consciência cósmica; 2 - Os planos experienciais ou vivenciais, em que a pessoa pode dirigir a sua atenção consciente e exercer um controle da energia: a) físico; b) emocional; c) mental; d) energético; e) ego consciente ou self. 3 - Os níveis da realidade, que partem do plano pessoal (microcosmo) para chegar ao plano macrocosmo, com os seguintes níveis: a) pessoal; b) interpessoal; c) social; d) cósmico; e) transpessoal. O nível cósmico abrange a conscientização da energia do átomo, dos reinos mineral, vegetal e animal. (WEIL, 1989, p.72).

Weil teve contato desde a sua infância com conflitos religiosos em sua família, constituída de três religiões, como também conflitos e guerras entre a França e Alemanha, por causa do fato de ser ele alsaciano. Esses conflitos contribuíram para que Pierre Weil se tornasse um amante da Paz.

Assim, nascido numa família com três religiões em conflito e ainda com duas culturas também opostas – a francesa e a germânica – eu só poderia me transformar num homem ávido de síntese, de paz e de união entre os homens. E foi isso que me tornou um psicólogo, um psicoterapeuta, um especialista em relações humanas e mais tarde em Psicologia Transpessoal. (WEIL, 1978, p.26).

Weil conta em seu livro “Antologia do Êxtase” esta experiência a qual ele atribui como catalisadora de grandes transformações em sua vida.

Cerca de vinte anos atrás, uma experiência inusitada provocou uma reviravolta em minha vida, consagrada à pesquisa científica e ao ensino da Psicologia na universidade. Não fosse tal experiência, sem dúvida, jamais teria adquirido a convicção, a compreensão ou a coragem suficiente para colocar em risco minha reputação científica publicando esta antologia, da qual uma das vantagens será mostrar a todos aqueles que passaram pela mesma experiência, e anseiam por comunicá-la, que eles não estão sozinhos no mundo. (WEIL, 1987, p.05).

E foi numa noite de Natal, em Esalen, dançando com uma amiga, que o autor percebeu que eles estavam num cadência muito harmônica e que proporcionava uma sensação de unidade despertando nele, grande felicidade e também, curiosidade.

Enquanto dançava com uma amiga, dei-me conta, subitamente, de que o meu ritmo e o dela formavam uma estranha e indissolúvel unidade. Jamais havia vivido algo tão harmonioso; tal harmonia, por sua vez, proporcionava-me uma felicidade indescritível. (WEIL, 1987, p.05).

Pouco tempo, depois disso, Weil teve várias outras experiências transpessoais. Numa outra ocasião com a mesma amiga, ele notou que ao olhar para ela, ele a percebia misturada num tom azulado. Em princípio, ele teve medo desta percepção, achou inclusive que estava tendo alucinações, mas como concomitantemente, ele estava estudando ioga, percebeu então, que na verdade estava vendo a aura de sua amiga. Pierre tornara-se então, clarividente e teve consciência disso desde o princípio.

A coloração cinzenta era ainda mais acentuada ao redor de seu olho direito. Eu “soube”, então, por uma via intuitiva, que seu olho estava enfermo; mais tarde, ela o confirmou, contando que deveria submeter-se a uma cirurgia oftalmológica. Eu me tornara clarividente (WEIL, 1987, p.05).

Como foi dito, outras vivências transpessoais ocorreram na vida Weil, como a percepção de uma luz dourada no canto da sala, no qual ele atribuiu a um caráter sagrado. Viu partículas luminosas e cintilantes no ar que identificou como sendo a manifestação da microestrutura subatômica e, segundo ele, seu ser foi sendo tomado por uma sensação de poder ilimitado, entre outras muitas experiências pessoais transpessoais.

De súbito, uma luz dourada e fascinante surgiu em um dos cantos da sala; assemelhava-se a uma cortina de luz, uma verdadeira visão do gênero descrito na Bíblia. Ela possuía um caráter sagrado e emanava qualquer coisa que me transmitia o sentimento muito claro de uma presença invisível a meus olhos físicos, porém perceptível “diretamente”, se é que posso me exprimir assim. O sentimento de algo sagrado se intensificou; entrei num estado de arrebatamento, espanto e elevação espiritual extrema (WEIL, 1987, p.06).

Numa outra ocasião, olhando para a sua amiga, Weil a enxergou com cinco cabeças cortadas na altura do seu abdômen e ele as reconheceu como sendo mongóis. Ele nunca tinha visto nada semelhante e não tinha ligação cultural com os mongóis. Nesse momento, reconhece o seu acesso ao inconsciente coletivo e a seus arquétipos como descritos por Jung.

A resposta chegou um ano mais tarde, na Índia, num templo de Kali. O autor testemunha que reconheceu, subitamente, as cabeças cortadas que formavam o colar de Kali e simbolizavam o desapego. Com efeito, também descobriu bem mais tarde a relação com sua raiz no mental, isto é, na cabeça. Cortar a cabeça significava se separar da influência da dualidade sujeito-objeto e da tendência do sujeito a apegar-se aos objetos, ideias ou pessoas que lhe proporcionam prazer, rejeitando as causas de sofrimento.

Porém, foi apenas quando conheci Kanjur Rinpoche e Tulku Pemala, dois lamas tibetanos, em Darjeeling, ao norte da Índia, que me dei conta de que os “mongóis” eram tibetanos. Quando relatei a experiência a Tulku Pemala, ele me indagou: “Quantas eram as cabeças cortadas?” Depois, acrescentou: “O senhor teve uma visão parcial de uma realidade muito mais ampla”. [...]. Como nesta vida eu jamais tivera contato com esse tipo de simbolismo, reconheci pela primeira vez, em mim mesmo, a existência dos arquétipos descritos por C.G. Jung como sendo imagens representativas de potenciais energéticos, parte integrante do inconsciente coletivo. (Weil, 1987, p.07).

A partir daí, Pierre Weil abriu-se totalmente para as experiências místicas transpessoais e que abrangiam os estados alterados de consciência. Mais tarde, sob a influência da iniciação de Muktananda, mestre Xivaíta, ele teve outra experiência, a da elevação da energia primordial da Kundalini. Segundo ele, durante várias horas, viu unidades luminosas elevando-se ao longo de seu corpo e, mais uma vez, assim como na experiência de Esalem, ele foi inundado por uma sensação de alegria e graça e vontade de auxiliar os outros a passarem por tais experiências. Para este autor, com um olhar mais atento, é possível perceber que certo conforto típico destes tempos foi alcançado, mas a felicidade não.

Um exame mais atento dessa questão conduz a uma resposta evidente. Ao observar-se o que se passa no mais íntimo do coração, daqueles que atingiram “finalmente” esse nível de conforto típico da época atual, é fácil comprovar que a felicidade que almejavam obter com tal conforto não foi alcançada. Além disso, uma

certa nostalgia toma conta de sua alma; a nostalgia de um paraíso perdido que eles confundiram com esse conforto; continuam a buscar fora um estado de consciência que se encontra neles mesmos.

O Reino do Pai está em vós', já dizia Jesus, e Buda insistia em que o fim do sofrimento humano se encontra na descoberta da verdadeira natureza do espírito que está em nós. Esta descoberta é acompanhada de um estado de paz e de uma plenitude indescritíveis. (WEIL, 1987, p.08).

Pierre Weil teve a intenção de relatar vários testemunhos para mostrar aos leitores que alcançar este estado, esta sabedoria primordial, é sim possível, pois ela sempre existiu.

Ora, é justamente desse estado de Sabedoria primordial e de Amor que o homem contemporâneo mais necessita. Sua neurose fundamental, à qual denominamos de “neurose do paraíso perdido”, provém justamente dessa separação resultante de um véu – o véu de Isis – que separa nosso estado de vigília do estado transpessoal. Da árvore do conhecimento do bem e do mal, isto é, da percepção dualista do real, ele é capaz de regressar à árvore da vida. O paraíso encontra-se em nós mesmos, em cada um de nós, sem exceção. (WEIL, 1987, p.09).

Segundo Weil (2008), uma vez tocado pelo transpessoal não há mais volta, pois se abriria a um amor universal e paz absoluta. Um transcender à dualidade a caminho da unidade. É preciso seguir adiante e tomar esta experiência cada vez mais permanente, transformando-a numa maneira de ser na própria vida cotidiana. Pouco a pouco, segundo ele, percebe-se que os homens não estão sós e que existe uma presença que os guia.

Para Tavares (1993), a Psicologia Transpessoal dá ênfase ao reconhecimento da espiritualidade e ao potencial do indivíduo para a transcendência, considerado intrínseco à natureza humana. A visão do homem na Psicologia Transpessoal é a do Ser Bio-Psico, Social, Cósmico e Espiritual, restabelecendo a possibilidade de se viver a unidade fundamental Homem-Cosmos.

As experiências transpessoais são definidas, por Walsh e Vaughan (1997), como aquelas em que o senso de identidade ou do eu ultrapassa (trans + passar: ir além) o individual e o pessoal, a fim de abarcar aspectos mais amplos da humanidade, da vida, da psique e do cosmo.

Segundo a bibliografia pesquisada, essa Psicologia recebeu influências das mais diversas e diferentes tradições místicas. Podemos citar Vedanta, Budismo, Taoísmo,

Sufismo, Gnosticismo, Misticismo Cristão, Cabala e muitos outros sistemas espirituais. Vale ressaltar que consegue por sua elasticidade, compor tais conhecimentos de forma harmônica e complementar. Estas referências constam nos estudos e aplicação, registrados durante mais de 40 anos de trabalho, por um dos mais importantes estudiosos da Psicologia Transpessoal, Stanislav Grof,

Pode-se apontar diversas causas ou fatores para o crescente e aumento da busca pelo sentido da existência e lugar do homem no cosmo. O mal-estar da humanidade e sua perspectiva frente a sua própria destruição, por exemplo, são motivadores deste movimento, assim como a diminuição da distância geográfica, facilitando o diálogo e intercâmbio de informações entre oriente e ocidente.

Como consequência dessa aceitação e da importância atribuída à dimensão espiritual da vida humana, vários psicólogos humanistas passaram a se interessar por uma série de estudos até então negligenciados pela Psicologia Humanista, tais como: o êxtase, as experiências místicas, a transcendência, a consciência cósmica, a teoria e a prática de meditação e a sinergia interindividual e interespecies. (GROF apud TABONE, 1988, p. 99).

Alguns escritores como Abraham Maslow, Anthony Sutich, Pierre Weil, Richard Buck, Fritjof Capra, Jourar, Stanislav Grof, Fritz Perls, Bil Schultz, Michael Murphy, Kenneth Walker entre outros, referiram-se a dimensões da consciência que vão muito além da consciência ordinária que está mais centrada no Ego. São estados de consciência que podem ser experimentados por espiritualistas e religiosos, mas também por pessoas comuns. Esta vivência do êxtase místico é descrita de diferentes formas, por inúmeras culturas ao redor do mundo e em diferentes momentos da história. Segundo Weil (1978), no nível cósmico há fusão da energia do átomo e dos reinos mineral, vegetal e animal. O nível transpessoal refere-se aqui à experiência fusional na fonte de energia.

Em seu artigo “Consciência - O seu despertar” (1999), o autor relata que esta consciência tem um caráter universal, onipresente, onisciente e onipotente. Para ele, embora sempre presente, ela está velada e escondida por uma distorção dela mesma. A mente que emana dela, tende a criar uma miragem, uma ilusão, a da existência de um eu, separado dela e do mundo que se torna percebido como exterior. Cria-se nesse momento a dualidade entre sujeito e objeto.

Esta dualidade gera apego ou rejeição, que podem nos causar, respectivamente, prazer ou dor. Isto pode levar ao estresse, à doença, ao sofrimento e pode distanciar os

seres humanos de uma experiência de vida consciente, prazerosa, saudável, em unidade com o cosmo e feliz. Se tudo no universo é energia e transformação, tudo, necessariamente, é ilusório e transitório, assim, o apego resultaria em sofrimento e estagnação. O desconhecimento da existência da Unidade cósmica e dessa experiência do apego seria responsável pelo sofrimento. E o princípio do prazer é o responsável pelo apego, comenta o autor. Para Weil (1999), é possível sair deste ciclo vicioso e deste estado de sonolência e recobrar a consciência, principalmente mediante a meditação.

A dissolução do ego através da ampliação do campo da consciência dos níveis de realidade, da desidentificação dos diferentes planos experienciais e do controle dos diferentes graus da consciência, é um caminho para a consciência cósmica. Técnicas de relaxamento envolvendo a respiração e dissolução de toda atitude intelectual constituem valores relevantes na entrada da dimensão cósmica. (WEIL, 1999, p. 72).

Considera a consciência plena como um estado de paz e de plenitude capaz de proporcionar aos homens entrarem em contato com a verdadeira sabedoria e compaixão, por todos os seres ainda no estado de inconsciência. Segundo Weil (1993), essa experiência é um estado que transcende os limites do espaço-tempo e que se caracteriza pela onisciência e por um amor infinito. Trata-se de um estado resultante de práticas ascéticas ou religiosas, vivenciadas também por agnósticos e materialistas. Tudo leva a crer, pelas descrições na literatura, que há uma experiência fusional diferenciada, que seria a plena consciência ou consciência cósmica, em seu grau mais elevado, onde acontece a vivência da unidade, da não separação, do aqui e agora, a qual chamou de experiência transpessoal.

Há descrições da perda do medo da morte, da existência de uma realidade eterna da qual somos integrantes, assim como a descrição da macro e microfísica, quando relatam uma zona fora do tempo e espaço, na qual emana a energia do átomo ao quasar. (WEIL, 1978, p. 49).

Sob a perspectiva desse panorama, os primeiros resultados obtidos pelos pesquisadores possibilitaram a elaboração de um perfil com o conjunto das principais características da experiência transpessoal.

- ✓ Unidade: é o desaparecimento da percepção dual Eu-Mundo;
- ✓ O caráter inefável: não há palavras para traduzir sua beleza, poder e a natureza. A semântica atual não explica a experiência;

- ✓ Transcendência do tempo-espaço: as pessoas entram numa outra dimensão; o tempo não existe mais e o espaço tridimensional desaparece;
- ✓ Sentido de sagrado: o senso de que algo grande, respeitável e sagrado está acontecendo;
- ✓ Perda do medo da morte: a vida passa a ser percebida como eterna, mesmo se a existência física é transitória.
- ✓ Mudanças de sistema de valores e de comportamento posterior.

Weil (1999) faz algumas distinções a respeito desta experiência e divide em duas categorias. Aqueles que traduzem uma vivência autenticamente transpessoal, na qual não existe mais o ego ilusório e que predomina a abertura do espaço atemporal do Ser; e aqueles nos quais existe também um sujeito observador de luzes, cores, seres, fenômenos parapsicológicos etc. Considera apenas a primeira categoria como sendo autenticamente transpessoal, uma vez que não é dual. Já a segunda é considerada, por ele, como pré- transpessoal.

O autor também distinguiu igualmente no nível transpessoal, dois tipos de testemunhos: o de uma vivência esporádica ou experiência transpessoal e o que exprime uma continuidade dessa vivência na vida cotidiana, estendendo-se, inclusive, ao sonho e ao sono profundo sem sonhos. No segundo caso, trata-se do estado transpessoal que não existe, senão nos seres completamente realizados, o que é de fato muito raro.

A consciência cósmica quando vivenciada, o segundo ponto de vista fisiológico, são registradas ondas Delta mais lentas como no estado anterior; no entanto com os olhos abertos e com plena lucidez. Por esta razão, este estado é chamado de supraconsciência.

Esta experiência e sua veracidade têm sido comprovadas por meio de eletrocardiográficos e eletroencefalográficos, embora haja dúvidas sobre a especificidade destas reações, uma vez que elas indicam que algo diferente se passa na fisiologia das pessoas quando estas se encontram em estado de êxtase. “Os estágios que levam à consciência cósmica têm correspondência no registro eletroencefalográfico, sendo que este se situa no nível de ondas delta”. (Weil, 1999, p. 56).

Alguns autores tem a visão de que tal experiência seria na verdade uma regressão ao nível de potencialização da energia pós-uterino e intrauterino. Outros, no entanto, estimam que a experiência cósmica seja um estágio superior de evolução. Sob o

ponto de vista de Weil, é contraditório falar em estado de regressão e evolução, já que para ele, esta experiência acontece fora da nossa dimensão espaço-temporal, isto é, ir para frente ou para trás não faz sentido. O tempo linear simplesmente não existe. Outra premissa é de que, possivelmente, a consciência cósmica se situa num nível existente antes do início da filogênese ou no fim da ontogênese, isto é, antes do nascimento e depois da morte.

Segundo Ken Wilber no nível transpessoal o senso de identidade expande-se para além da individualidade. Com Alejandro Spangenberg depreende-se que a identidade está calcada nas resistências e, ainda afirma que o mal não é o mecanismo de resistências, mas o resistir constante diante dos chamamentos transpessoais, do ser diferente do que ontem. Wilber e Spangenberg ensinam-me que temos uma estrutura interior de personalidade que está sendo chamada constantemente para a transformação, releituras, reflexões a respeito do “como” a pessoa está se arranjando no mundo (OLIVEIRA, Luiz Tadeu Martins de. Disponível em: <<http://www.humanitatis.com/artigos10.asp>>. Acesso em: 0705/2013.)

Weil (1990) relatava que o termo consciência cósmica foi escolhido pelo psiquiatra canadense Richard Maurice Bucke (1901), com o objetivo de se referir a um estado de consciência que se situava acima da simples consciência comum ao homem. Publicou o que pode ser considerado como a primeira análise de testemunhos do que ele chamou de “A consciência cósmica”, título de sua obra tomada clássica no terreno do transpessoal. Foi um dos primeiros contemporâneos a passar por uma experiência de consciência cósmica.

Eis textualmente o que ele diz [...] casos de consciência cósmica são aproximadamente cinco vezes mais frequentes do que eram há, digamos, mil anos. Isto não quer dizer que eles se tornam mais frequentes exatamente nesta proporção. Deve ter havido um grande número de casos nos últimos dois mil e quinhentos anos cuja memória está completamente perdida. Mas parece quase certo que o número de pessoas com experiências de consciência cósmica é maior no mundo moderno do que o era no mundo antigo. Este fato, relacionado com a teoria gême da evolução psíquica [...], tende a confinar de maneira definitiva a conclusão segundo a qual é certo que a consciência de si apareceu entre os melhores espécimes de nossa raça ancestral em sua fase primordial, e tornou-se progressivamente universal evidenciando-se cada vez mais cedo no indivíduo. Atualmente ela se apresenta, em média, por volta dos três anos. A consciência cósmica se universalizará até que a raça inteira possua esta faculdade. A mesma raça e não mais a mesma, pois a raça da consciência cósmica não será mais a raça que existe atualmente, da mesma maneira que a raça atual não é igual àquela que existia antes da evolução da consciência individual. A verdade simples é que, durante milênios, em meio à

multidão de seres comuns, “apareceu por intervalos” o início ainda bem frágil de uma nova raça; caminhando sobre a terra e respirando conosco e ao mesmo tempo caminhando sobre uma outra terra e respirando um ar diferente do qual conhecemos pouco ou absolutamente nada, mas que constitui, no final das contas, nossa vida espiritual, da mesma maneira como sua ausência seria nossa morte espiritual. Esta nova raça está em vias de ser gerada de nós mesmos, e em um futuro próximo ocupará e possuirá a terra. (WEIL, 1990, p 25).

Segundo apontam algumas pesquisas, estaria mesmo emergindo uma ciência mais humana que busca se aproximar da espiritualidade e que compõe conhecimentos harmonicamente e sem nenhuma forma de disputa.

A descoberta, dentro de nós mesmos, do verdadeiro sentido da nossa existência nesta terra, confunde-se com o verdadeiro sentido da vida. A Psicologia Transpessoal é uma contribuição essencial para fornecer ao homem instrumentação metodológica para chegar a isto; e quando tal se dá através da vivência transpessoal, reina a paz interior, a verdadeira liberdade; o homem então se torna um verdadeiro magneto, irradiando em torno de si beleza, verdade e amor. (TABONE, 2003, p.16).

Chopra e Mlodinow (2001) refletem a respeito das pessoas que, a nossa volta, sofrem com o vazio e a ansiedade por causa do vácuo espiritual que precisa ser preenchido. Segundo eles, só quando tivermos esperança de curar esse sofrimento saberemos o que o futuro nos reserva. Esperam que a ciência faça parte da cura, pois, de outra forma, podemos nos enredar em maravilhas tecnológicas que só irão multiplicar os corações vazios e as almas desamparadas, reflete.

Deste modo ao percorrer essa revisão bibliográfica, por meio de cientistas renomados, esse capítulo buscou compreender a dimensão espiritual, mesmo diante das dificuldades que esse tema viria a suscitar. Desde a dificuldade de definição do conceito em si, assim como a compreensão de sua subjetividade e acentuada resistência da ciência, em particular, da própria Psicologia.

4. Considerações Finais

A história da humanidade revela continua reinvenção da cultura e da sociedade, o que sugere que não há espaço para o envelhecimento ou perda de saberes, mas uma constante e dinâmica renovação, reinterpretação e junção de conhecimento. A ciência da psicologia que tem no homem o objeto do seu estudo enfrenta grandes dificuldades na compreensão desta seara.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho foi possível verificar que a Psicologia Transpessoal, a sucessora da escola humanista, mostrou-se uma teoria dotada de espiritualidade, assim como a anterior. Contudo, a nova abordagem atreveu-se a ampliar o espectro anterior, investigando os diferentes níveis de consciência que se encontram para além do de vigília e que, de acordo com o que foi mostrado, seria entrada para a dimensão transpessoal do indivíduo, uma compensadora consciência experiencial ecológica e cósmica. Aqui se pôde definir a Psicologia Transpessoal como uma ciência que estuda estados de consciência e a aplicação das suas descobertas para o benefício de todos.

A espiritualidade na abordagem transpessoal se baseia nas referências apresentadas, que se revelaram tendências contemporâneas na área como a busca de sentido, conexão, valores humanitários (compaixão, perdão, gratidão etc.), autonomia face à tradição, valorização da experiência pessoal, abordando, em síntese, a dimensão mais profunda da pessoa humana. A realização do potencial humano, a autoatualização, permite que o indivíduo revele o que de melhor existe dentro do conjunto das suas capacidades. Isto necessariamente o conduz a atitudes de comunhão, empatia, emoções positivas e conexão com o outro e com o mundo.

Buscou-se construir com o presente trabalho, uma trajetória que viabilizasse demonstrar a relação entre os movimentos contraculturais e o movimento Nova Era, o movimento do potencial humano e a Psicologia Transpessoal, assim como destacar suas contribuições sobre o conceito de Espiritualidade.

A Contracultua, como abordada no primeiro capítulo, caracterizou-se por um momento histórico, no qual, a sociedade, principalmente os jovens insatisfeitos e descontentes com o sistema vigente da época, clamou pela transformação total do estabelecido e pela construção de um novo modelo de sociedade. Esta se queria menos

materialista, menos individualizada e voltada para o coletivo, negando o isolamento proporcionado pelo estilo de vida moderno e contemporâneo.

Percebe-se que pela razão da sociedade ter sido fortemente impactada pelo espírito coletivo de transformação, como também assolada por questões ligadas ao sentido da vida, começou-se naturalmente a buscar por novas respostas em novos lugares, propiciando à retomada pela espiritualidade. Certamente foi o verdadeiro paraíso para os buscadores da época.

Imbuídos pela tônica libertária, pela ânsia do novo, pelo reencantamento do mundo e pela ressacralização da vida, a sociedade passou a buscar pela compreensão dos mistérios da vida, não mais no ordinário e sim no novo, e no que tange a espiritualidade, não precisando necessariamente passar pelas religiões.

Dentro deste contexto, o Movimento Nova Era demonstrou ter sido capaz de abarcar todas as formas de relação com a espiritualidade, assim como os incontáveis rituais e tradições religiosas numa costura de tolerância e respeito que parece ter conseguido dar um certo contorno para esta nova espiritualidade que se manifestava. Como descreve Amaral (2000) a prática de combinar técnicas variadas, retiradas de seu contexto original e separadas de seus eixos teóricos, tornou-se bem estabelecida no movimento.

A Nova Era apareceu como herança da Contracultura e, esta por sua vez, devido a suas características de mobilidade e plasticidade estabeleceu-se como uma espécie de “caudatário da tradição romântica” e uma bricolagem de tradições e símbolos religiosos. Tem em sua essência a intenção de estabelecer uma relação espiritualizada com o mundo e de ser agraciado por um sentimento de totalidade e pertencimento. Talvez tenha se tornado uma tendência por aludir um sopro de ar fresco que pode substituir a desesperança e a falta de sentido.

Foi justamente o *Zeitgeist*, o espírito da época, que possibilitou o surgimento da Psicologia Humanista, uma psicologia com novas características e perspectivas, como um eco dos movimentos contraculturais. Seu célere desenvolvimento e enorme aceitação no meio acadêmico aconteceram simultaneamente com este movimento e todas as indagações ávidas por respostas deste período

O seu vultoso e rápido sucesso parecem ter sido influenciados e estimulados pela atmosfera do momento, já que por muitas vezes suas ideias e proposições ecoaram e

coincidiram. Desse modo, a escola humanista acabou, de certo modo, abarcando uma das facetas da Contracultura. A busca pela autorrealização, pela exploração de outras dimensões do ser humano, pela individuação, pelo olhar sistêmico, pela emergência de valores supremos, por práticas não dogmáticas etc., eram objetivos e ideias comuns e, naquele momento, exteriorizados, livres de qualquer sanção e voltados para mudança a sociocultural, o engajamento para o bem comum e a oposição perante a desumanização dos seres humanos.

Maslow demonstrou sua coragem ao romper o silêncio que existia da Psicologia diante do religioso e da espiritualidade, enquanto abertura natural do indivíduo para dimensões mais profundas da vida.

A Psicologia Transpessoal, fundada em 1968, e como um desdobramento da Psicologia Humanista, demonstrou características semelhantes, assim como estreita afinidade com esses movimentos. Ambas articulam conhecimento, preconizam a paz, a solidariedade, o amor, o autoconhecimento, a autorrealização, a exploração de outros níveis de consciência, a visão holística etc.

A Psicologia Humanista e a Transpessoal beberam na fonte humanista e se empoderaram, em especial, da teoria e perspectiva Maslowiana. Preconizado por ele mesmo, direcionou-se para a ampliação de seus conceitos e para o desvelamento das dimensões transpessoais. Trata-se, portanto, de uma abordagem que estuda os aspectos que estão além das dimensões, física e de personalidade, passando a reconhecer categoricamente a dimensão espiritual como um aspecto importante e legítimo da psique humana.

Evidenciou com isso sua busca pela compreensão integral e sistêmica do espectro inteiro da experiência humana, ao incluir em seu escopo de pesquisa a espiritualidade humana que fora destituída do campo da ciência tempos atrás. A escola, em questão, apresentou-se como sendo uma ciência holística, que aborda e estuda o ser humano sob várias perspectivas por meio da transdisciplinaridade, costurando uma relação dialógica entre os saberes e denotando sua busca em reparar a cisão existente entre ciência e espiritualidade.

Assim como a Psicologia Humanista, o projeto da Psicologia Transpessoal, aqui apresentado, sugeriu ter tido como um dos seus principais catalizadores o clamor da sociedade por respostas, e também como ela mesma ressalta, pelo natural processo de

ampliação e transformação da ciência. Ecoou desde o princípio, as insatisfações manifestadas contra os aspectos mecanicistas, materialistas e autoritários da cultura ocidental contemporânea e defendeu o ideal do homem saudável, autorrealizado, com capacidade de transcendência e reconectado à sua dimensão espiritual. Contudo, ao opor-se a qualquer tipo de reducionismo, propôs desenvolver seu corpo teórico sob outra epistemologia.

E com isso, contemplar uma discussão sobre a transdisciplinaridade trouxe o desenvolvimento da reflexão acerca de uma nova perspectiva à vida humana, pois extirpou a farsa da fragmentação do conhecimento, abrangendo tudo o que faz do ser humano um ser inteligente e hábil em suas relações com o mundo.

Por isso, é esclarecido o que exatamente a Psicologia Transpessoal está tentando fazer – mostrar que a ciência e espiritualidade não são incompatíveis, mas são duas abordagens complementares para a compreensão da realidade. A Psicologia Transpessoal é uma disciplina que integra a ciência e espiritualidade, filosofia oriental e pragmatismo ocidental, antiga sabedoria e ciência contemporânea.

Assim, fez-se claro nesta pesquisa que a Psicologia Transpessoal tem no estudo, na pesquisa e na aplicação dos diferentes estados de consciência em direção à Unidade do Ser. Sua área de atuação dá-se em todos dos campos do conhecimento que tem como base a Psicologia.

Ao longo do presente trabalho foi possível verificar que a teoria da Psicologia Transpessoal é munida de uma espécie de espiritualidade que possui as tendências da espiritualidade contemporânea e que pressupõe busca de sentido, conexão, valores humanitários (compaixão, perdão, gratidão etc.), autonomia face à tradição, valorização da experiência pessoal, abordando, em síntese, a dimensão mais profunda da pessoa humana. Deste modo, a teoria diz possibilitar que o ser humano liberte-se do imediatismo e do vazio de uma vida desprovida de sentido abrangente, da dimensão concreta do existir com a pretensão de encontrar algo maior e além do ego.

A Psicologia Transpessoal oferece algumas considerações sobre o conceito da espiritualidade. Ela parece referir-se a uma espécie de espiritualidade secular desvinculada de qualquer mediação institucional ou ortodoxa para acessar a dimensão espiritual, sem se pensar em perder a dimensão do Sagrado. Em sua ênfase, a

autorrealização, autoatualização dos potenciais humanos e autotranscedência parecem considerar aspectos do desenvolvimento espiritual.

Posto o que foi apresentado, a espiritualidade na perspectiva da abordagem transpessoal diz respeito sobretudo à autotranscedência, ao impulso que nos projeta para além de nós mesmos em direção a unidade perdida.

Consideramos, enfim, que esta pesquisa evidenciou aspectos e considerações da que a psicologia transpessoal oferece sobre o conceito de espiritualidade. Contudo, as reflexões levantadas não são ainda a de aprofundar os desdobramentos desta convergência. Ela se constituiu em identificar e encontrar as condições para a ocorrência desta convergência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Leila. **Carnaval da alma**. São Paulo: Vozes, 2000.

artigo do Dr. Erdmann foi publicado originalmente no European Journal of Nanomedicine, 2009, volume 2.

ASSAGIOLI, Roberto. **Ser Transpersonal**. Madri, Espanha: Gaia, 1993.

ASSAGIOLI, Roberto. **Ser Transpessoal**. España: Gaia, 1993.

Association for Transpersonal Psychology. About ATP: transpersonal perspective. Disponível em: <<http://www.atpweb.org/transperspect.asp>>. Acesso em: 8 mai. 2008.

BLAVATSKY, H. P. **A doutrina secreta, síntese da ciência, da religião e da filosofia**. São Paulo: Pensamento, 2007.

BOAINAN Jr., Elias. **Transcentrando**: tornar-se transpessoal. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia. São Paulo, 1996.

BOFF, L. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BUCKE, Richard. **Consciência cósmica**. Rio de Janeiro: Ed. Renes, 1982.

CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus**: mitologia oriental. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

CAMPBELL, J; Moyers, B. (org). **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAPRA, F. O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo, Editora Cultrix, 1986.

CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação, Cultrix, São Paulo, 1986.

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. In: Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO/USP, 2000. In: O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 2001.

CHAUÍ, M. Convite a filosofia. 7. Ed. São Paulo, Editora Ática, 1996.

CHOPRA, Deepak ; MLODINOW, Leonard. **Ciência e Espiritualidade**: dois pensadores, duas visões de mundo. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

COIMBRA, C. **Guardiões da Ordem**: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “milagre”. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

CRAWFORD, R. **O que é religião?** Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CREMA, Roberto. **Análise transaccional centrada na pessoa...e mais além**. São Paulo: Agora, 1985.

CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística**: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

DI BIASE, Francisco; ROCHA, Mario Sérgio F. **Ciência, espiritualidade e cura**: psicologia transpessoal e ciências holísticas. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

ELIADE, Mircea. **Mefistófeles e o andrógino**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986.

FERGUNSON, Marilyn. **A Conspiração Aquariana**: transformações pessoais e sociais nos anos 80. Rio de Janeiro: Record, 1980.

Françoise CHAMPION. Religiosidade Flutuante, Ecletismo e Sincretismos. In: Jean DELUMEAU, As grandes religiões do mundo.

Françoise CHAMPION. Religiosidade Flutuante, Ecletismo e Sincretismos. In: Jean DELUMEAU, As grandes religiões do mundo.

FRANKL, V. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUERRIERO, S. (org.). **O estudo das religiões**: desafios contemporâneos. São Paulo: Paulinas, 2003.

GUERRIERO, S. **Antropos e Psique**: o outro e sua subjetividade. São Paulo: Olho de Água, 2001.

GUERRIERO, S. **Novos Movimentos Religiosos**: o Quadro Brasileiro São Paulo: Paulinas, 2007.

HANEGRAAFF, Wouter J. Defining religion in spite of history. In: OLIVEIRA, PLATVOET, J. G. e MOLENDIJK, M. (org.). **The pragmatic of defining religion**: contexts, concepts and contests. London: Koninklijke, 1999.

HANEGRAAFF, Wouter J. **New Age Spiritualities as Secular Religion: a Historian's Perspective**. Social Compass, 1999.

HARRISON, P. Ciência e religião: construindo limites. **Revista de estudos da religião**. Traduzido de "Science" and "Religion": Constructing the Boundaries. Journal of religion, 2006. mar. 2007.

HOLANDA, A. F. (1998). **Diálogo e psicoterapia**: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber. São Paulo: Lemos, 1998.

HOLANDA, A. F. Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

HOLANDA, A. F. **Diálogo e psicoterapia**: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

JAMES, William. **Variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1991.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Reunidas e editadas por Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Obras completas de C. G. Jung, v. 11/1. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

KHUN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. USA: Ed da Universidade de Chicago, 1962.

KROHLING, Aloísio. A busca da transdisciplinaridade nas ciências humanas. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, n. 2, p. 193-212, 2007. Disponível em: <<http://www.fdv.br/publicacoes/periodicos/revistadireitosegarantiasfundamentais/n2/7.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2013.

MACIEL, L.C. **Anos 60**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

MASLOW, Abraham H. **Introdução à Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.

MASLOW, Abraham H. **Toward a psychology of being**. New York: D. Van Nostrand Company, 1968.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do; PENA-VEJA, Alfredo (orgs.). **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Lisboa: Hugin, 2000.

OLIVEIRA, Luiz Tadeu Martins de. Psicologia Transpessoal. **Humanitatis**. Disponível em: <<http://www.humanitatis.com/artigos10.asp>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

SALDANHA, Vera. **A psicoterapia transpessoal**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SALDANHA, Vera. **Psicologia Transpessoal**. Abordagem integrativa: um conhecimento emergente em psicologia da consciência. Rio Grande do Sul: Unijuí. 2008.

SIMÕES, Mário. **Psicologia Transpessoal**. Lisboa: Temática, 1997.

SMITH, H. **As religiões do mundo**: Nossas grandes tradições de sabedoria. São Paulo: Cultrix, 2007.

SMITH, H. **Por que a religião é importante:** o destino do espírito humano num tempo de descrença. São Paulo, Cultrix, 2010.

SMUTS, J.C.. **Holism and Evolution.** Kessinger Publishing, 2006

TABONE, Marcia. **A Psicologia Transpessoal.** São Paulo: Cultrix, 1988.

VALLE, E. **Experiência Religiosa:** enfoque psicológico. São Paulo. Loyola. 1998.

VALLE, E. **Psicologia e experiência religiosa:** estudos introdutórios. São Paulo: Loyola, 1998.

WALSH, Roger, VAUGHAN, Frances (orgs.). **Além do ego:** dimensões transpessoais em psicologia. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

WALSH, Roger, VAUGHAN, Frances (orgs.). **Caminhos além do Ego:** uma visão transpessoal. São Paulo: Cultrix, 1997.

WEIL, Pierre, et. al. **Pequeno tratado de psicologia transpessoal.** Petrópolis: Vozes, 1978.

WEIL, Pierre. **Holística:** uma nova visão e abordagem do real. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

WEIL, Pierre. **Psicoterapia e sentido da vida.** São Paulo: Quadrante, 1989.

WEIL, Pierre. **Psicoterapia para todos.** Petrópolis, Vozes, 1990.

WEIL, Pierre. **A consciência cósmica:** introdução à psicologia transpessoal. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

WEIL, Pierre. **A morte da morte.** São Paulo: Gente, 1995.

WEIL, Pierre. Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI M. M. (Org.) **Psicologia e Espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 2005.

WEIL, Pierre. **Semente para uma Nova Era.** Um Livro de Emergência para uma Situação de Emergência. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

WEIL, Pierre. **Transformações da Consciência.** São Paulo: Cultrix, 1999.

WHITE, John. **O mais Elevado Estado da Consciência:** São Paulo: Cultrix, 1997.

WILBER, Ken. **A Consciência Sem Fronteiras:** pontos de vista do Oriente e do Ocidente sobre o crescimento pessoal. São Paulo: Cultrix, 1988.

Sites consultados:

<http://br.monografias.com>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Abraham_Maslow

http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Daime

<http://unesdoc.unesco.org/images/0006/000685/068502por.pdf>

<http://unipazsul.org.br/unipazsul/41/declaracao-unesco-1986.html>

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000397550&fd=y>

<http://www.espada.eti.br>

<http://www.espada.eti.br/espirtualizacao.asp>

http://www.formacaohumana.org/sitebuildercontent/sitebuilderfiles/ee_Religiosidade_E_spiritualidade_Pratica.pdf

http://www.institutorenascer.org.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=64

http://www.kilibro.com/book/preview/4882_introducao-a-visao-holistica

http://www.oapocalipse.com/home/estudos/nova_era_nova_era.html

<http://www.pierreweil>

<http://www.pierreweil.pro.br>

<http://www.pierreweil.pro.br/Livros/Portugues/on%20line/Holistica%20-%20Uma%20Nova%20Visao%20e%20Abordagem%20do%20Real.pdf>

<http://www.pierreweil.pro.br/Novas.htm>

http://www.plenitude.com.br/index.php?paginas_ler&artigosndhealth.duke.edu/about/h_koenig/